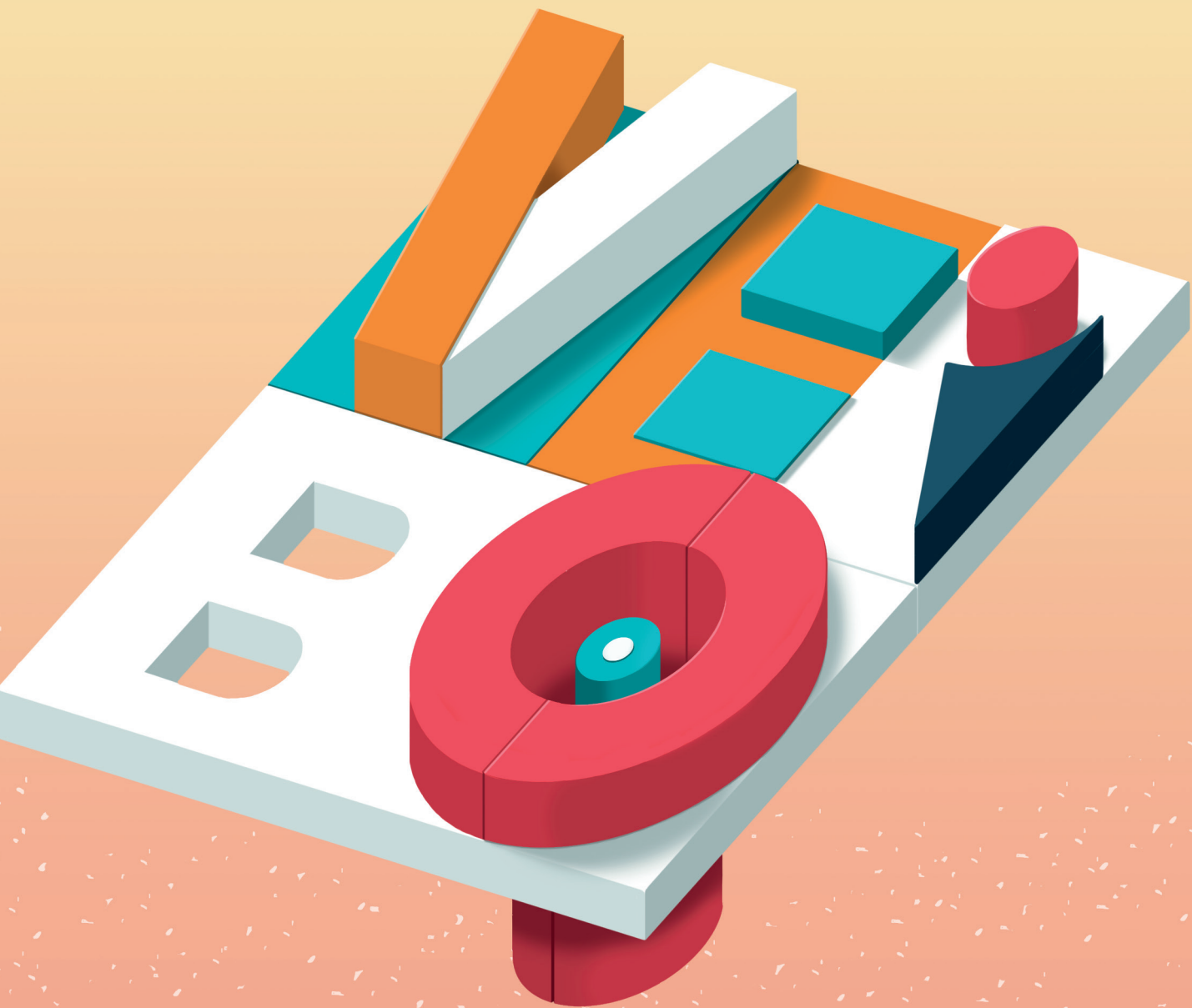


# PORTUGUÊS

AUTORES

Ercília Maria de Moura Garcia Luiz

Sandra Elisa Réquia Souza



LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

# PORTUGUÊS

---

AUTORES

Ercília Maria de Moura Garcia Luiz

Sandra Elisa Réquia Souza

---

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Santa Maria | RS  
2017

©Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE.  
Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da  
Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB.

**PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Michel Temer

**MINISTRO DA EDUCAÇÃO**

Mendonça Filho

**PRESIDENTE DA CAPES**

Abilio A. Baeta Neves

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

**REITOR**

Paulo Afonso Burmann

**VICE-REITOR**

Paulo Bayard Dias Gonçalves

**PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO**

Frank Leonardo Casado

**PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO**

Martha Bohrer Adaime

**COORDENADOR DE PLANEJAMENTO ACADÊMICO E DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Jerônimo Siqueira Tybusch

**COORDENADOR DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Noeli Dutra

**NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL**

**DIRETOR DO NTE**

Paulo Roberto Colusso

**COORDENADOR UAB**

Reisoli Bender Filho

**COORDENADOR ADJUNTO UAB**

Paulo Roberto Colusso

## NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

### DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

### ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO

Ercília Maria de Moura Garcia Luiz

Sandra Elisa Réquia Souza

### REVISÃO LINGUÍSTICA

Camila Marchesan Cargnelutti

Maurício Sena

### APOIO PEDAGÓGICO

Magda Schmidt

Siméia Tussi Jacques

### EQUIPE DE DESIGN

Carlo Pozzobon de Moraes – Ilustração

Juliana Facco Segalla – Diagramação

Matheus Tanuri Pascotini – Capa/Ilustração

### PROJETO GRÁFICO

Ana Letícia Oliveira do Amaral



L953p Luiz, Ercília Maria de Moura Garcia  
Português [recurso eletrônico] / Ercília Maria de Moura Garcia Luiz,  
Sandra Elisa Réquia Souza. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2017.  
1 e-book

Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional  
da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB  
Acima do título: Licenciatura em ciências da religião  
ISBN 978-85-8341-231-1

1. Língua portuguesa 2. Leitura 3. Ortografia 4. Fonologia 5.  
Textos acadêmicos I. Souza, Sandra Elisa Réquia II. Universidade  
Aberta do Brasil III. Universidade Federal de Santa Maria. Núcleo de  
Tecnologia Educacional IV. Título.

CDU 806.90-1  
806.90-4

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990  
Biblioteca Central da UFSM



Ministério da  
**Educação**



**PROGRAD**



# APRESENTAÇÃO

“(…) Onde está o que quero dizer, onde está o que devo dizer? Inspirai-me, eu tenho quase tudo, eu tenho o contorno à espera da essência; é isso ? (...) Nada posso dizer ainda dentro da forma. Tudo o que possuo está muito fundo dentro de mim” (LISPECTOR, 1998, p. 69).

O ser humano compartilha seu espaço e tempo com outros seres da mesma espécie e de espécies diferentes. A necessidade de interagir com os seres de sua espécie e de transmitir ideias só se tornou possível por meio da linguagem. Em nossas aulas de Língua Portuguesa utiliza-se a linguagem verbal. Essa forma de linguagem envolve dois processos mentais: um para selecionar as palavras; outro para combiná-las e escrevê-las, obtendo, assim, a frase, a oração ou o parágrafo que se deseja. O olhar sensível do(a) escritor(a) é capaz de gerar as mais inusitadas abordagens. Por isso, é necessário que ele domine a estrutura frasal e as formas de expressão e que procure as palavras na ordem certa para transmitir, oralmente ou por escrito, o que deseja. É necessário, principalmente, que ele sinta prazer em escrever e se comunicar. O mundo ao nosso redor é repleto de imagens, comunicações virtuais, palavras e sons das mais variadas formas. Isso pressupõe a necessidade de organização e construção da ideia com coesão e coerência: introduzi-la, desenvolvê-la e concluí-la. Este material didático oportuniza o estudo de elementos importantes para a construção de um bom texto.

Esperamos aguçar a imaginação, informar conhecimentos sobre a nossa língua, contribuir para aflorar emoções, estimular o espírito crítico e, principalmente, tornar prazerosos os seus estudos. Para tanto, convidamos todos a explorar o material, ativamente e, assim, conhecer as atividades propostas nessa disciplina. Esse exercício proporcionará, com certeza, avançar no Curso com êxito.

Professora – Ercília Maria de Moura Garcia Luiz, Licenciada em Letras Português e Inglês, Especialista em Psicomotricidade, Mestre e Doutora em Educação. Escritora e Educadora Emérita do Rio Grande do Sul. Atua como Orientadora Educacional no Colégio Estadual Manoel Ribas e Professora no Curso de Ciências da Religião na modalidade EaD. Participa do Grupo de Pesquisa GEPFORMA da UFSM, palestrante e Coordenadora Nacional do MOBREC (Movimento Brasileiro de Educadores Cristãos).

Tutora – Sandra Elisa Réquia Souza, Licenciada em Estudos Sociais (UNIFRA) e Filosofia (UFSM), Especialista em Educação Ambiental, Mestre em Educação. Atua como palestrante e instrutora de Cursos, presenciais e a distância, para docentes, alunos e técnicos-administrativos na UFSM. Tutora do Curso de Ciências da Religião na modalidade EaD na UFSM.

Abraços e bom trabalho para todos nós!

## ENTENDA OS ÍCONES



**ATENÇÃO:** faz uma chamada ao leitor sobre um assunto, abordado no texto, que merece destaque pela relevância.



**INTERATIVIDADE:** aponta recursos disponíveis na internet (sites, vídeos, jogos, artigos, objetos de aprendizagem) que auxiliam na compreensão do conteúdo da disciplina.



**SAIBA MAIS:** traz sugestões de conhecimentos relacionados ao tema abordado, facilitando a aprendizagem do aluno.



**TERMO DO GLOSSÁRIO:** indica definição mais detalhada de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.

# SUMÁRIO

## ▷ APRESENTAÇÃO ·5

## ▷ UNIDADE 1 – DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA RELATIVA À DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS ESQUEMAS FUNCIONAIS DAS SENTENÇAS ·9

Introdução ·11

1.1 O significado da Leitura ·12

1.2 A frase ·14

1.3 Reconhecendo os Marcadores Conversacionais ·19

1.4 Conhecendo Melhor a Linguagem, a Língua e a Fala ·21

1.5 Articulação do texto: estruturas de coordenação ·24

1.6 A articulação do texto: Estruturas de Subordinação ·27

## ▷ UNIDADE 2 – FONOLOGIA E ORTOGRAFIA ·30

Introdução ·32

2.1 A conceituação de fonologia, fonema e letra ·33

2.2 Dígrafos vocálicos e dígrafos consonantais ·36

2.3 Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica ·38

2.4 Orientações ortográficas para empregar corretamente:

h, s, z, g, j, x, ch ·40

2.5 Orientações básicas quanto ao uso de: s, c, ç, sc, ss ·45

2.6 Palavras e expressões que podem oferecer dificuldades na grafia ·47

2.7. Noções sobre o emprego do hífen nos substantivos compostos ·50

2.8 O uso do hífen com prefixos e sufixos ·52

2.9 Uma síntese sobre a acentuação gráfica ·54

2.10 Casos específicos sobre o uso da crase ·58

## ▷ UNIDADE 3 - PRODUÇÃO DE TEXTOS DE FORMA CRÍTICA E AUTÔNOMA ·62

Introdução ·64

3.1 Habilidades Relativas ao Processo de Comunicação ·65

3.2. Os Níveis da Língua Portuguesa ·69

3.3 Habilidades Relativas à Sintaxe e à Grafia dos Porquês ·72

3.4 Redação do Texto Acadêmico e Revisão de Bibliografia ·76

3.5 Sugestões para escrever ou revisar um texto acadêmico ·81

3.6 Redação da Introdução, Desenvolvimento e Conclusão em Trabalhos Acadêmicos ·84

3.7 Tipos de Textos Acadêmicos ·88

3.8 Referências Bibliográficas e Citações no Texto Acadêmico ·94

▷ **CONSIDERAÇÕES FINAIS** ·99

▷ **REFERÊNCIAS** ·100

▷ **ATIVIDADES DE FIXAÇÃO** ·102



# 1

---

DESENVOLVIMENTO DA  
COMPETÊNCIA RELATIVA À  
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS  
ESQUEMAS FUNCIONAIS DAS  
SENTENÇAS

---



# INTRODUÇÃO

**E**sta primeira unidade tem por objetivo o desenvolvimento da competência relativa à descrição e análise dos esquemas funcionais das sentenças. Para tanto, torna-se necessário compreender que a língua, com a qual falamos, é nosso principal instrumento de expressão e/ou comunicação para a formação de uma linguagem sensível e humanizadora. Conforme explica Moura (2013, p. 90), “a competência comunicativa permite vislumbrar uma multiplicidade de hipóteses e possibilidades que fecundam o espaço educativo”. Assim, por meio da forma de organização das palavras que ouvimos, lemos ou dialogamos, formamos as sentenças com as quais interagimos e a elas damos um significado. Interagir, compreender as mudanças trazidas pelo tempo, conviver com as diferentes linguagens e comunicar-se são desafios que enfrentamos em nosso cotidiano. Essa primeira unidade é proposta pensando em um conteúdo estruturante que contribua para a sua formação, enquanto a concepção da língua como prática.

## **O que você encontrará a seguir?**

Textos de diferentes tipos e gêneros para a leitura e interpretação textual e intertextual, para aguçar a oralidade, a escrita e a língua na era da informação. Enfim, compreender procedimentos essenciais à Língua Portuguesa. Assim, nas subunidades a seguir você terá oportunidade de: compreender o significado da leitura; identificar a conceituação da frase; reconhecer os Marcadores Conversacionais; conhecer a Linguagem, a Língua e a Fala; articular o texto de acordo com as estruturas de coordenação; articular o texto de acordo com as estruturas de subordinação.

# 1.1

## O SIGNIFICADO DA LEITURA

Saber ler e escrever para os romanos significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida. “Educação essa, que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos saberes dos homens livres” (MARTINS, 1976, P. 12). Para pensarmos um pouco, sugerimos a leitura do texto: “A idade de ser feliz”.



TERMO DO GLOSSÁRIO:

**Intensidade:** qualidade ou condição de intenso; que tem ou se manifesta com força e energia.

**Preconceitos:** ideias pré-concebidas; aversão.

**Pudor:** sentimento de vergonha, de mal-estar, gerado pelo que pode ferir a decência, a honestidade.

**Fugaz:** que foge rápido, fugidio.



SAIBA MAIS: Assista ao vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=JvaDW2tsBrs>

### O QUE É LEITURA?

FIGURA 1: Imagem ilustrativa sobre o significado da leitura



Fonte: NTE, 2017.

A leitura é um substantivo feminino. Sua origem vem do Latim *egere*, que, entre outros conceitos, significa “colher, recolher, escolher” – palavra presente na agricultura. Um novo sentido foi agregado a este termo, dando a ideia de “obter informações através da percepção das letras” – é uma colheita de conhecimento. A leitura é, portanto, a ação de ler alguma coisa, decifrando-se o conteúdo que ali está escrito. A leitura proporciona que se interprete o conjunto de informações daquilo que se lê. É por isso que muitos consideram a leitura como uma interpretação pessoal. Por exemplo: *Meu marido e eu fizemos a leitura do mesmo artigo científico; porém, entendemos algo totalmente diferente*. Atualmente, a sociedade não possui tanto hábito de leitura; por isso, é necessário incentivar e despertar este prazer ainda na infância. Essa ação proporciona o desenvolvimento do raciocínio, da imaginação, da capacidade de interpretação e do senso crítico e maximiza o conhecimento individual. Por fim, a leitura também é o ato de falar um texto em voz alta, tal como um discurso. Por exemplo: *Toda a multidão se emocionou com a leitura do currículo do palestrante. Assim, a leitura é aquilo que se lê*. Por exemplo: *Márcia tem preferência por leituras de ficção científica*.



**SAIBA MAIS:** Existe a **leitura dinâmica**: método recomendado e comprovadamente eficaz para uma pessoa que possui interesse em ler de forma rápida para absorver o conteúdo que realmente importa. Esta é uma boa opção para estudantes, por exemplo, que possuem muito material para rever antes de um teste.

A **leitura de mapas** é um modo de compreender e interpretar esta representação. Por exemplo: “Paramos o carro no acostamento e fizemos a leitura do mapa para garantir que não erraríamos o trajeto até o nosso destino.”

Para a área da informática, existe a **leitura de dados** dentro de um suporte, como é o caso dos CDs. Por meio do computador, decodificam-se os dados armazenados e faz-se a leitura.



**TERMO DO GLOSSÁRIO:**

**Conceito** – definição, formulação de uma ideia por meio de palavras.

Decifrando-se - entendendo-se.

**Agregado** – reunido, junto; lavrador estabelecido em terras alheia.

**Raciocínio** – capacidade de raciocinar, pensar, refletir, considerar.

**Senso crítico** – capacidade de criticar, julgar, dar sentido.

**Percepção** – ato, efeito ou faculdade de perceber.

## 1.2

# A FRASE

Nesta subunidade, objetivamos compreender a frase como todo enunciado de sentido completo, podendo ser formada por uma só palavra ou por várias, contendo verbos ou não. Ela se define pelo seu propósito **comunicativo**, ou seja, pela sua capacidade de, num intercâmbio linguístico, transmitir um conteúdo satisfatório para a situação em que é utilizada (BHARTHEES, 1999, p. 8). O sabor de uma leitura textual é permitido ao percorrermos as várias frases ou sentenças que a compõem. Assim, é necessário saber que:

Frase é todo enunciado de sentido completo, através do qual transmitimos nossas ideias. Pode ser formada por uma só palavra ou por várias, podendo ter verbos ou não. A frase exprime, através da fala ou da escrita, ideias, emoções, ordens e apelos. Em síntese, em um período, contam-se as frases pelo número de verbos. Se há 3 verbos, existem 3 frases.

A frase se define pelo seu propósito comunicativo, ou seja, pela sua capacidade de, num intercâmbio linguístico, transmitir um conteúdo satisfatório para a situação em que é utilizada.

### Exemplos:

- » O Brasil possui um grande potencial turístico.
- » Espantoso!
- » Não vá embora.
- » Silêncio!
- » O telefone está tocando.

Observação: a frase ou sentença que não possui verbo denomina-se Frase Nominal. Na língua falada, a frase é caracterizada pela entonação, que indica nitidamente seu início e seu fim. A entonação pode vir acompanhada por gestos, expressões do rosto e do olhar, além de ser complementada pela situação em que o falante se encontra. Esses fatos contribuem para que, frequentemente, surjam frases muito simples, formadas por apenas uma palavra.

### Exemplos:

- » Rua!
- » Ai!

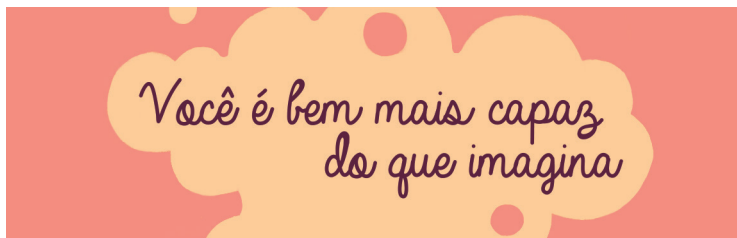
Essas palavras, dotadas de entonação própria, e acompanhadas de gestos peculiares, são suficientes para satisfazer suas necessidades expressivas.

Na língua escrita, a entonação é representada pelos sinais de pontuação, os quais procuram sugerir a melodia frasal. Desaparecendo a situação viva, o contexto é fornecido pelo próprio texto, o que acaba tornando necessário que as frases escritas sejam linguisticamente mais completas. Essa maior complexidade linguística leva

a frase a obedecer às regras gerais da língua. Portanto, a organização e a ordenação dos elementos formadores da frase devem seguir os padrões da língua. Por isso é que:

- » As meninas estavam alegres. (**É considerada uma frase ou sentença**).
- » Meninas estavam alegres as. (**Não é considerada uma frase ou sentença**).

FIGURA 2: Exemplo de um período com duas frases.



FONTE: NTE, 2017.

No poema a seguir, observe o número de frases.

O Amor, quando se revela

O amor quando se revela,  
Não se sabe revelar.  
Sabe bem olhar para ela,  
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente  
Não sabe o que há de dizer.  
Fala, parece que mente...  
Cala: parece esquecer....

Ah, mas se ela adivinhasse,  
Se pudesse ouvir o olhar,  
E se um olhar lhe bastasse  
Para saber que estão a amar!

Mas quem sente muito, cala:  
Quem quer dizer quanto sente  
Fica sem alma nem fala,  
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe  
O que não lhe posso contar,  
Já não terei o que falar-lhe  
Porque lhe estou a falar.

(PESSOA APUD BORGATTO, 2016, P. 21).

FIGURA 3: Os cinco tipos de frases: declarativa, interrogativa, imperativa, exclamativa e optativa.



FONTE: NTE, 2017.

## Tipos de Frases

As frases podem ser utilizadas com diversas finalidades: perguntar, informar, relatar, definir, ordenar, exprimir surpresas, etc. Dependendo da intenção do enunciador, as frases apresentam-se com cinco classificações de acordo com a sua finalidade.

**a) Declarativas:** para informar, opinar, definir, relatar.

Exemplo: É necessário ter paciência.

**b) Interrogativas:** para fazer uma pergunta.

Exemplo: Quando iniciam as férias?

**c) Imperativas:** para exprimir ordem, conselho ou solicitação.

Exemplo: Não estacione em fila dupla.

**d) Exclamativas:** para exprimir espanto, admiração, surpresa.

Exemplo: Que lugar encantador!

**e) Optativas:** para exprimir desejo.

Exemplo: Deus te proteja!

Observe as frases declarativas e exclamativas do texto a seguir:

No desejo do adulto, o brinquedo devia ser uma coisa bonita feita para encantar a criança, interessá-la, mas, ao mesmo tempo, despertar-lhe um tal respeito, ou pela sua beleza, ou pelo seu valor, que ela não se atrevesse a tomá-la nas mãos senão em certas horas, durante um certo tempo, e de certa maneira. Resumindo: que não a estragasse. [...] A criança vê o brinquedo, e gosta ou não gosta dele, segundo ele está ou não de acordo com os seus interesses psicológicos, segundo o desenvolvimento das suas faculdades carece deste ou daquele motivo de expansão. Então, serve-se do brinquedo de acordo com essas necessidades interiores, sem que lhe passe pela cabeça que é preciso brincar com cuidado, a não ser quando assim lhe repetem embora sem resultado – os adultos. [...] Os pais se entristecem [...] quando veem os filhos inteiramente satisfeitos com brinquedos que lhes parecem desprezíveis: bonecos de trapos, carrinhos feitos com latas de biscoitos, casas de caixas de papelão, vestidos compridos arranjados com panos velhos ou novos [...]



bandeiras de papel, coladas com sabão, colares de botões, anéis de fio de linha e outras coisas do gênero. [...] É que, em primeiro lugar, o brinquedo que se dá a uma criança geralmente não corresponde aos seus interesses biológicos. Quando a criança está embevecida com as formas e as cores, dão-lhe coisas de mecânica complicada. Quando está na idade do movimento, dão-lhe coisas imóveis, feitas para contemplação. Quando requer coisas de raciocínio, não a satisfazem. É uma constante atrapalhação... Em geral, a criança, dobrando o pobre brinquedo à necessidade das suas funções psicológicas, converte-o em instrumento dessas funções, apropriando-o, modificando-o, utilizando-o, enfim. Como são injustos os adultos! Chamam a isso – estragar! Quanto às belas invenções das crianças, elas são a realização da sua própria vida interior; a prática de si mesmas. [...] É por isso que o brinquedo mais útil é aquele que a criança cria, ela mesma, que procura realizar com o material de que dispõe. Os parentes e professores, acompanhando esse interesse, favorecendo-o, orientando-o sem o oprimirem, concorreriam de um modo vantajosíssimo para a alegria da infância, ao mesmo tempo que a estariam educando, através da execução daquilo (LOBO, 2010, p. 28).

## Entonação Frasal

FIGURA 4: figura ilustrativa sobre a variação da entonação frasal.



FONTE: NTE, 2017.

Entonação ou Entoação é a variação da altura utilizada na fala que incide sobre uma palavra ou oração. Assim, as funções linguísticas da entonação são usadas, comumente, para distinguir uma declaração de uma interrogação ou para exprimir surpresa ou ironia.

Importante: Lembre que a palavra frase é sinônimo de sentença. Por isso no conteúdo de hoje as duas terminologias são usadas.



**SAIBA MAIS:** Período: é a frase que tem um verbo. Se um período tem só um verbo ele é chamado de período simples; se tem mais de um verbo, ele é chamado de período composto. Em síntese, período é a frase constituída por uma ou mais orações.

Oração: é a parte de um período que gira em torno de um verbo ou de uma locução verbal.

Observe as frases do texto a seguir:

Os professores deixam a sua casa florida, alegre, clara, onde a vida também canta, sedutoramente. Encontram a escola com o conjunto das suas hostilidades: o relógio feroz, que não perdoa os atrasos do bonde; o livro de ponto ferocíssimo, com a sua antipática roupagem de percalina preta e a sua sinistra numeração, pela página abaixo. [...]. De toda a parte surgem objetos detestáveis: régua, globos empoeirados, borrachas revestidas de madeira, tímpanos, vidros de goma arábica, todas essas coisas hediondas que se convencionou fazerem parte integrante da fisionomia da escola, e que são acreditadas indispensáveis e insubstituíveis. Coisas mortas. Coisas de outros tempos. Coisas que se usaram nas escolas de nossos avós e de nossos pais. Não se pode pensar em familiaridade, em proximidade infantil, em vida nova, em educação moderna, no meio dessa quantidade de mata-borrões, de mapas com demarcações arcaicas, de balanças que não funcionam, de moringas de gargalo quebrado, de caixinhas de sabonete para guardar giz, e das coisinhas armadas nas taboinhas dos armários chamados museus, nas quais não se pode bolir para não estragar, e que têm um rotulzinho em cima, tal qual os vidros de remédio (LOBO, 2010, p. 30).

## 1.3

# RECONHECENDO OS MARCADORES CONVERSACIONAIS

FIGURA 5: Imagem ilustrativa sobre os marcadores conversacionais



FONTE: NTE, 2017.

Esta subunidade apresenta os marcadores conversacionais e você precisa prestar atenção, pois o texto a seguir contém uma linguagem característica de crônica dialógica. As marcas típicas da língua falada recebem o nome de “marcadores conversacionais”. Exemplos: pois é, ah!, bom, aí, se bem que, o quê?, e, sim, bem, sabe como é, taí, e daí, entre outros. Essas marcas são utilizadas nos textos escritos, em diferentes situações: por exemplo, no registro do diálogo entre personagens para tornar os diálogos literários mais parecidos com as falas reais.

### **Texto: O FILME** **Sérgio Jockymann**

Pois, levado por um amigo, diretor de filmes publicitários, fui assistir a uma terrível reunião. De um lado, ele. De outro, um ruivo, um loiro e um moreno, todos membros destacados do Departamento de Criação de uma grande agência paulista. Assunto: um filme publicitário para crianças. Produto: um refrigerante.

- Ah! Nosso público é infantil, anunciou o ruivo. O diretor sugeriu um bando de crianças correndo atrás de uma garrafa. A ideia não foi aceita.
- Pois é, precisamos pesquisar, disse o moreno. Discutiram duzentos quarenta e cinco outras ideias durante duas horas, até que o diretor disse:
- Bom, quem sabe um bando de garrafas que rola por uma encosta cheia de grama?
- Genial, berraram os três.
- Taí o valor da pesquisa, disse o moreno. Valeu a pena gastarmos duas horas.
- A cara do meu amigo diretor era um azulejo.

- Mas, disse o loiro, falta um apelo.
- É, falta, concordaram os outros dois.
- Um “*sex appeal*”, disse o loiro. Meu amigo diretor suspirou. Mas vocês disseram que o público era infantil.
- E daí? Mulher-criança é a ligação básica, disse o ruivo.
- Uma dona boa, de biquíni, tá me entendendo? Crianças correm, aí corta para um traseiro em “*super-close*”, ela vai, apanha a garrafa e dá às crianças. O termo que eles usaram não era traseiro, mas enfim, sejamos pudicos.
- As crianças bebem tudo, quase tudo, porque deixam um restinho para ela, urrou o loiro mais uma vez.
- Ela apanha e... aí fecha em um *super-close* do traseiro outra vez. Por um segundo temi pelo lugar onde seria posta a garrafa. Saí rindo e voltei dois meses depois. Estávamos jantando, quando me lembrei do filme:
- Como é, perguntei, vendeu bem o refrigerante?
- Vendeu nada, respondeu o diretor. O filme saiu do ar um mês depois. Você sabe, o anunciante resolveu fazer uma pesquisa. O nome do refrigerante ninguém sabia. Mas, em compensação, velho, todo mundo se lembrou do traseiro. No dia seguinte, vi o filme. O traseiro era de fato a mensagem. Mas isso, como se sabe, ninguém anuncia. A oferta pelo que dizem é bem maior que a procura. (FOLHA DA TARDE, 26/01/ 1973).



TERMO DO GLOSSÁRIO:

Filme publicitário: filme que tem como objetivo um comercial de um determinado produto.

Diálogos literários: é a obra literária ou científica em forma de conversação entre duas ou mais pessoas.

Crônica dialógica: narrativa histórica que expõe os fatos seguindo uma ordem cronológica em forma de diálogo.

*Sex appeal*: expressão, em Língua Inglesa, que significa apelo sexual.

*Close*: substantivo, em Língua Inglesa, que significa fechar, concluir.

Pudicos: decentes, virtuosos, recatados.

## 1.4

# CONHECENDO MELHOR A LINGUAGEM, A LÍNGUA E A FALA

No decorrer desta subunidade, iremos verificar que, para penetrarmos no prazer da leitura, precisamos desenvolver a competência relativa à Linguagem, à Língua e à Fala. Passamos a conceituá-las de forma sintética. Assim:

## A linguagem

Vocábulo de origem latina, significa a atividade oriunda da faculdade inerente aos seres humanos, que lhes possibilita a comunicação. Embora nem todos os teóricos assumam essa posição, podemos dizer que todo ser humano possui, ao nascer, uma predisposição que faculta a aquisição da mesma. O linguista Saussure (1973, p. 16) contribuiu para esse discernimento com importantes considerações: a) A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro; b) A cada instante, a linguagem implica, ao mesmo tempo, um sistema estabelecido e uma evolução. Por outro lado, sem o convívio social, essa predisposição se atrofia. Assim, a aprendizagem da criança se dá também por imitação (característica adquirida). Toda a ação comunicativa, na filosofia contemporânea, é realizada pela linguagem.

Figura 6: Imagem ilustrativa sobre a linguagem



FONTE: NTE, 2017.

Nesse contexto, observa-se que a linguagem é qualquer sistema que permite a comunicação e a interação entre os interlocutores. Para a produção de um texto, o emissor ou locutor deve levar em conta as condições de produção. São elas:

- » O interlocutor
- » O assunto
- » O código
- » A língua
- » O suporte (jornal, TV, livro, revista, rádio, outdoor, etc.)

## A Língua

A língua é um instrumento peculiar de comunicação. Assim, torna-se distinta da fala, pois representa a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, “que por si só, não pode modificá-la” (SAUSSURE, 1991, p. 22). Enquanto a linguagem, como faculdade natural, é um todo heterogêneo, a língua é de natureza homogênea, pois há um sistema de signos convencionais e arbitrários.



**SAIBA MAIS:** Quem se comunica? Somente o ser humano se comunica? Embora sabendo que há pesquisas no sentido de esclarecer se e como animais e plantas se comunicam, isso, mesmo que venha a ser cientificamente comprovado, possivelmente não modificará o critério adotado pelos teóricos da comunicação: só o ser humano se comunica por uma língua como código.

Cada língua segue as normas de comunicação próprias, como a posição de palavras na frase, a concordância, a regência, entre outros. Por exemplo:

Na Língua Portuguesa o adjetivo deve estar após o substantivo.

» Português: casa branca.

Na língua Inglesa o adjetivo deve vir antes do substantivo.

» Inglês: *White House* (branca casa)

Figura 7: Imagem que ilustra as diferentes línguas na comunicação



FONTE: NTE, 2017.

## A FALA

Figura 8: Imagem que ilustra a questão da fala



FONTE: NTE, 2017.

A fala é um ato existencial e individual, de vontade e inteligência. Assim, palavra falada ou escrita, torna-se a unidade mínima da língua. Ou seja, um signo linguístico. Com a fala expressamos nossas ideias, comunicamos nossos sentimentos, emoções. E, principalmente, podemos interagir e enriquecer nosso meio com as ideias, a literatura e a experiência de vida do outro.



TERMO DO GLOSSÁRIO:

**Oriunda** – proveniente, procedente.

**Aquisição** – conquista, obtenção.

**Predisposição** – ato de predispor-se, pendor.

**Distinta** – peculiar, especial, algo que é próprio de uma pessoa.

**Heterogêneo** – que é composto por elementos diferentes, irregulares, distintos.

**Homogêneo** – que possui características uniformes.

Dentre os signos criados pelo ser humano, o linguístico desempenha um papel importante na comunicação e na socialização da humanidade. Permite, entre outros atributos, que as pessoas influenciem umas às outras. Dessa forma, o signo linguístico torna-se um estímulo material, visual e acústico, dotado de sentido e capaz de produzir uma resposta compartilhada pelos falantes de uma língua.

Cada pessoa, com seu modo de falar, transmite ou não uma forma de agir humanizadora. Na linguagem grega, a palavra significa uma expressão da ideia. Entretanto, na cultura hebraica é força transformadora. Por isso, é necessário resgatar o sentido profundo, humano e cristão que a fala deve possuir. Pelo nosso jeito de expressão podemos dizer que “fiz da Língua Portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor” (LISPECTOR, 1993, P. 16). É preciso lembrar-se disso para ter a consciência da responsabilidade de cada ato de fala que é proferido.

## 1.5

# ARTICULAÇÃO DO TEXTO: ESTRUTURAS DE COORDENAÇÃO

Figura 9: Imagem que ilustra as estruturas de coordenação

### Período Composto

Um período pode ser composto por coordenação ou por subordinação.

Quando é composto por coordenação, as orações possuem uma independência estrutural, podendo vir separadamente sem prejuízo. Já no período composto por subordinação, as orações são dependentes entre si por meio de suas estruturas.

FONTE: NTE, 2017.

Nesta subunidade, iremos aprender que a articulação do texto tem como princípio básico a articulação dos elementos estruturais, uma vez que a estrutura a partir das noções de forma e função que ligam suas partes, formando um todo bem estruturado. Assim, o texto a nível morfológico consiste na estruturação da frase escrita, alcançando o nível sintático que se fixa nas estruturas de coordenação e subordinação para haver a coesão e a coerência.

### Elementos imprescindíveis na articulação do texto:

**O título:** é por meio dele que podemos obter uma prévia sobre o assunto que o texto vai abordar, resumindo as linhas fundamentais do mesmo.

**O parágrafo:** outro elemento de fundamental importância, pois é através dele que podemos organizar o texto, tendo como princípio as articulações das ideias fundamentais ou das relações lógicas que sustentam a linha temática do texto.

Portanto, o texto dá-se a partir de um processo articulatório de ideias e suas particularidades. A seguir, veremos as orações coordenadas e subordinadas de acordo com Ernani Terra (2003), as quais formam as estruturas de coordenação e subordinação.

## Orações Coordenadas

As orações coordenadas são aquelas que, no período, não exercem função sintática umas às outras. Uma oração coordenada, portanto, nunca será termo das outras



coordenadas com as quais se relaciona. Entretanto, são as palavras responsáveis por estabelecer conexão entre segmentos de frases (no caso, as orações de um período).

Exemplo: Acordei cedo, tomei café, paguei a conta e deixei o hotel.

Verifique que, no exemplo acima, temos quatro orações (quatro verbos) sintaticamente independentes; cada oração é, do ponto de vista sintático, uma unidade autônoma. Apesar de sintaticamente independentes, as orações coordenadas se relacionam pelo sentido, dando coesão e coerência à frase. Quando não vêm introduzidas por conjunção, recebem o nome de coordenadas assindéticas. Nesse caso, as orações estarão justapostas e a conexão entre elas será dada por uma pausa, representada, na escrita, por uma vírgula. Quando vêm introduzidas por conjunção (ou locução conjuntiva), recebem o nome de coordenadas sindéticas.

## Classificação das Orações Coordenadas Sindéticas

a) **Aditivas:** exprimem ideia de soma, adição: **e, nem, mas, também, ainda.**

Exemplo: Pedro trabalha **e estuda**.

b) **Adversativas:** exprimem ideia de adversidade, oposição, contraste: **mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto.**

Exemplo: Pedro trabalha muito, **mas ganha pouco**.

### Importante:

A conjunção adversativa **mas** sempre estará no início da oração coordenada. As demais adversativas podem estar no início, no meio ou no final da oração coordenada.

Exemplos:

Pedro trabalha muito, **no entanto** ganha pouco.

Pedro trabalha muito; ganha, **no entanto**, pouco.

Pedro trabalha muito; ganha pouco, **no entanto**.

c) **Alternativas:** exprimem ideia de alternância, escolha. Haverá alternância quando a ocorrência de um fato implicar a não ocorrência de outro: **ou... ou, ora... ora, quer... quer, já... já, seja... seja.**

Exemplo: Venha agora **ou perderá a vez**.

d) **Conclusivas:** exprimem ideia de conclusão: **logo, portanto, então, pois (posto ao verbo).**

Exemplo: As árvores balançam, **logo estará ventando**.

e) **Explicativas:** exprimem ideia de explicação, justificação, confirmação: **pois (anteposto ao verbo), porque, que.**

Exemplo: Venha imediatamente, **pois sua presença é indispensável.**



SAIBA MAIS: Orações intercaladas:

Na articulação do texto são usadas também as orações intercaladas. Conhecidas como orações interferentes, são orações independentes que pertencem à sequência do período.

São utilizadas para um esclarecimento, um aparte, uma citação.

Exemplos: Desta vez, disse ele, vai para a Europa.

Eu - retrucou o advogado - não concordo.

“A cunhadinha (continuava a dar este nome a Capitu) tinha-lhe falado naquilo por ocasião de nossa última visita a Andaraí, e disse-lhe a razão do segredo”. (Machado de Assis).

As orações intercaladas vêm separadas por vírgula, duplo travessão ou parênteses.

## 1.6

# A ARTICULAÇÃO DO TEXTO: ESTRUTURAS DE SUBORDINAÇÃO

Figura 10: Imagem ilustrativa sobre as estruturas de subordinação



FONTE: NTE, 2017.

Como sabemos, um texto é formado por orações que formam os parágrafos. As orações se relacionam de tal modo que umas podem exercer funções sintáticas em relação a outras. Toda a oração que exerce uma função sintática em relação à outra denomina-se oração subordinada.

## Classificação das Orações Subordinadas Adverbiais

As orações subordinadas adverbiais exercem a função sintática de adjunto adverbial, própria do advérbio. A oração que tem um de seus termos representado por outra se chama principal. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) faz referência a nove tipos de oração adverbial:

a) **Causais:** exprimem causa, motivo: porque, como (equivalendo a porque), visto que, já que, uma vez que.

Exemplo: Não viajamos porque estava chovendo.

b) **Comparativas:** exprimem circunstância de comparação: como, que (precedido de mais ou de menos).

Exemplo: Choveu como chove em Manaus.

c) **Concessivas:** exprimem circunstância de concessão, de admitir uma ideia contrária: embora, se bem que, ainda que, mesmo que, por mais que, por menos que, conquanto, apesar de.

Exemplo: Choveu embora a meteorologia previsse bom tempo.

d) **Condicional:** exprimem circunstância de condição, de hipótese: se, caso, contanto que, desde que.

Exemplo: Viajaremos se não chover amanhã.

f) **Conformativa:** exprimem circunstância de conformidade, de adequação: conforme, segundo, consoante, como.

Exemplo: Choveu conforme estava previsto.

g) **Finais:** exprimem circunstância de finalidade: a fim de que, para que, que.

Exemplo: Os agricultores esperavam a chuva a fim de que não perdessem a colheita.

h) **Proporcionais:** exprimem circunstância de proporção: à proporção que, à medida que, quanto mais, quanto menos.

Exemplo: A chuva aumentava à medida que caminhávamos.

g) **Temporais:** exprimem circunstância de tempo: quando, enquanto, logo que, desde que, assim que.

Exemplo: Choveu quando eram dez horas.

## Fixando as Estruturas de Coordenação e Subordinação

### I Período Simples

Constituído por uma única oração.

Exemplo: Todos estamos satisfeitos. (Oração absoluta)

### II Período composto por coordenação

Só orações coordenadas. São completas entre si, independentes.

Sindéticas (com conjunção)

Assindéticas (sem conjunção)

Exemplo: Apresentei-me e saí. (E saí: oração coordenada, sindética, aditiva)

Vim, vi, venci. (orações coordenadas, assindéticas)

Assim, a oração coordenada ou subordinada leva o nome da conjunção que a rege.

### **III Período composto por subordinação**

Além da oração principal, só orações subordinadas. Essas orações são também chamadas adverbiais.

Exemplo: Não saí porque estava chovendo.

Não saí: oração principal

porque estava chovendo: oração subordinada, causal

Oração Principal: É a oração regente da qual as outras dependem.

Exemplo: Embora estivesse chovendo, fui ao cinema.

Embora estivesse chovendo: oração subordinada, concessiva

Fui ao cinema: oração principal

#### **OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:**

Deixou-se de rever as orações subordinadas substantivas, adjetivas e reduzidas no momento, porque julgou-se mais complexo o emprego dos conectivos (conjunções) que regem, coordenando ou subordinando, as orações, durante a escrita de textos.



---

FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

---



# INTRODUÇÃO

Saber uma língua implica ter um bom vocabulário e grafá-lo corretamente. Mas, para que isso aconteça na oralidade e quando elaboramos textos, é necessário conhecer os sons das letras e as regras ortográficas, a fim de escolher a construção linguística mais adequada ao contexto no qual ocorre a comunicação. Por isso, na presente unidade, objetiva-se proporcionar a compreensão da importância das noções fonológicas e ortográficas, tendo em vista a oralidade e a grafia correta das palavras, julgadas pertinentes para as aulas de *Português* no Curso de Ciências da Religião. Nas subunidades busca-se: compreender a conceituação de fonologia, fonema e letra; reconhecer os dígrafos vocálicos e consonantais; classificar as palavras quanto à posição da sílaba tônica; realizar orientações ortográficas para a grafia de algumas palavras que costumam gerar dúvidas quanto ao emprego de: h, s, z, g, j, x, ch; oferecer orientações básicas quanto ao uso de: s, c, ç, sc, ss; treinar palavras e expressões que podem oferecer dificuldades na grafia; oportunizar noções sobre o emprego do hífen nos substantivos compostos; compreender o uso do hífen com prefixos e sufixos; proporcionar uma síntese sobre a acentuação gráfica; identificar casos especiais sobre o uso da crase.



## 2.1

# A CONCEITUAÇÃO DE FONOLOGIA, FONEMA E LETRA

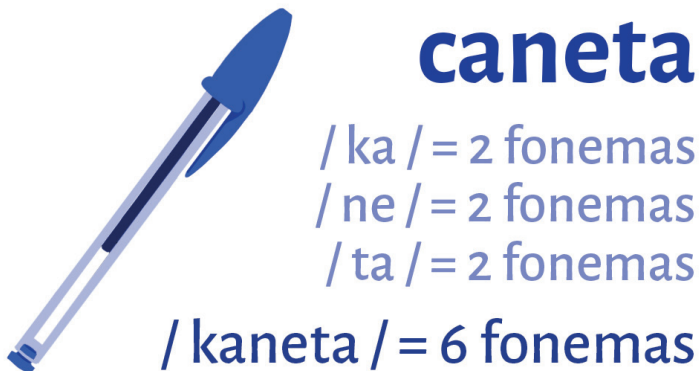
Nesta subunidade, vamos rever conceitos sobre fonologia, fonema e letra. A palavra fonologia é formada por duas palavras de origem grega: *phoné* (som) e *logia* (estudo). Você já pode compreender, então, o objetivo dessa parte da gramática: estudar as palavras considerando-as sob o aspecto sonoro. **Fonema** é uma unidade sonora mínima que possui a propriedade de estabelecer *distinção entre vocábulos de uma língua*. **Letra** é a representação gráfica do fonema.

FIGURA 11: Imagem que ilustra a questão fonológica



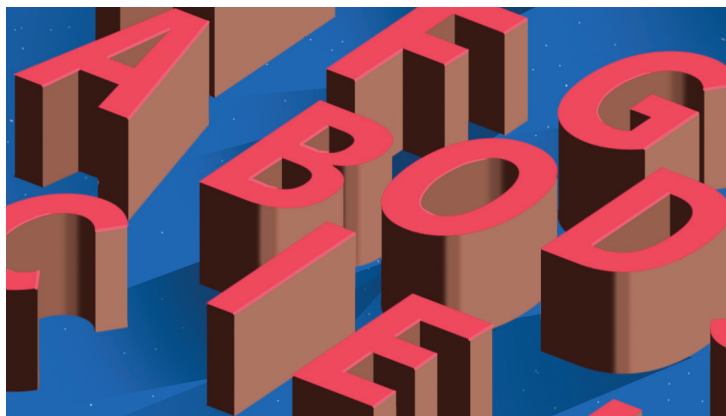
FONTE: NTE, 2017.

FIGURA 12: Imagem que ilustra a questão dos fonemas



FONTE: NTE, 2017.

FIGURA 13: Imagem que ilustra a questão da letra



FONTE: NTE, 2017.

Convém observar que, sendo o fonema uma unidade sonora, só pode ser percebido pelos nossos ouvidos, nunca por nossos olhos. Assim, o que você está vendo na página não são fonemas, mas a representação gráfica dos fonemas, isto é, as letras que formam as palavras.

Observe como os fonemas distinguem vocábulos nas frases a seguir:

Ele trocou de **par**.

Ele mergulhou no **mar**.

O menino chupou a **bala**.

O menino chutou a **bola**.

Nem sempre há, numa palavra, equivalência entre o número de letras e o número de fonemas. Veja:

### **Caneta**

6 letras (c-a-n-e-t-a)

6 fonemas (pronunciamos todos os sons representados pelas seis letras).

### **Chave**

5 letras (c-h-a-v-e)

4 fonemas - pronunciamos apenas quatro sons: (chave)

Na palavra **chave**, o dígrafo **ch** representa um único fonema.

### **Representar**

11 letras (r-e-p-r-e-s-e-n-t-a-r)

10 fonemas (pronunciamos “repres~etar”; na palavra **representar** o encontro **en** representa um único fonema.

## Fixo

4 letras (f-i-x-o)

5 fonemas (pronunciamos cinco sons; “fikso”); na palavra **fixo**, a letra **x** representa dois fonemas).

## Hora

4 letras

3 fonemas (pronunciamos apenas três sons: “ora”); na palavra **hora**, a letra **h** não representa fonema algum).



**INTERATIVIDADE:** Para ampliar seus conhecimentos sobre fonologia, fonemas e letras, pesquise na Minigramática Ernani Terra – Ed. Scipione - São Paulo, 2013.



**SAIBA MAIS:** Não devemos confundir fonema com letra: fonema é uma unidade sonora. Pertence, pois, à linguagem falada. Letra é a representação gráfica do fonema e pertence à linguagem escrita.



**GLOSSÁRIO:**

**Vocábulo:** palavras, termos.

**Pronunciamos:** proferimos, articulamos.

**Distinguem:** diferenciam, identificam, articulam.

**Representa:** significa, retrata, reflete.

## 2.2

# DÍGRAFOS VOCÁLICOS E DÍGRAFOS CONSONANTAIS

FIGURA 14: Imagem ilustrativa sobre os dígrafos



FONTE: NTE, 2017.

» O dígrafo consonantal ocorre quando temos duas letras que representam um fonema consonantal.

Os dígrafos consonantais são:

**ch:** chuva

**lh:** folha

**nh:** vinho

**rr:** carro

**ss:** pássaro

**sc:** nascer

**sç:** cresço

**xc:** exceto

**gu:** guitarra

**qu:** querer

» O dígrafo vocálico ocorre quando temos duas letras representando um fonema vocálico.

Os dígrafos vocálicos são:

**Am, an** (correspondem à vogal nasal ã) **tampa, canto**

**em, en** (correspondem à vogal nasal ~e) **tempo, pente**

**im, in** (correspondem à vogal nasal ~i) **limpo, tinta**

**om, on** (correspondem à vogal nasal õ) **sombra, contagem**

**um, un** (correspondem à vogal nasal ~u) **algum, fundo**



**INTERATIVIDADE:** Você já havia estudado os dígrafos vocálicos e consonantais? Circule os dígrafos vocálicos e consonantais no texto a seguir:

Não nos alongaremos aqui na discussão sobre linguagem e realidade: ela permeia toda a questão da filosofia, da arte, da religião, da psicanálise; é uma questão ancestral. No entanto, é possível desde já, desconfiar dessa relação ingênua entre signo e realidade como algo direto, sem intermediários. A partir da afirmação de Saussure acerca da arbitrariedade do signo em relação ao objeto, podemos perceber como não é fácil fazer afirmações categóricas e absolutas a respeito da representação da realidade através do signo. Porque se convencionou nomear “árvore” o objeto que conhecemos como tal, e não por outro signo? Portanto, levemos em conta que, apenas por necessidade didática, enviamos a essa cisão – linguagem legível, denotativa e linguagem figurada, conotativa. Observemos, então, que referente, objeto, denotação são termos que se relacionam por semelhança, embora não sejam sinônimos. Referente e contexto respondem a um do que se fala? Fala-se sobre um objeto referido ao mundo extralingüístico, mundo fenomênico das coisas – coisas essas sempre designadas por expressões referenciais, denotativas. A idéia aqui é de transparência entre o nome e a coisa (entre o signo e o objeto), de equivalência, de colagem: a linguagem denotativa referencial reflete o mundo. Seria, assim, tão simples? (CHALHUB, 1999, P. 10)



**SAIBA MAIS:** Pelo acordo ortográfico de 1990, foram incluídas no nosso alfabeto as letras K, W e Y. Sílabas são grupos formados por um ou mais fonemas pronunciados em só emissão de voz. Lembre-se, ainda, que toda sílaba tem por base uma vogal (a, e, i, o, u); logo, para sabermos quantas sílabas há numa palavra, basta verificar o número de vogais, pois nas palavras o número de sílabas é sempre igual ao número de vogais.



**GLOSSÁRIO:**

**Diagrama** – delineação, esboço, figura.

**Vogal nasal** – diz-se nasal porque o ar ressoa nas fossas nasais ao ser produzido.

## 2.3

# CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO À POSIÇÃO DA SÍLABA TÔNICA

FIGURA 15: Imagem ilustra a questão da classificação das palavras

oxítona  
paroxítona  
proparoxítona

FONTE: NTE, 2017.

Na Língua Portuguesa, a sílaba tônica é aquela que recebe o acento tônico, ou seja, é a sílaba que é pronunciada com maior intensidade. Todas as demais sílabas da palavra são chamadas de átonas. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.



**SAIBA MAIS:** observe que nem sempre a sílaba tônica vem indicada com acento gráfico. Por isso, é fundamental distinguir o acento tônico do gráfico: o acento tônico é o acento da fala; manifesta-se pela maior intensidade da voz na pronúncia de uma sílaba. O acento gráfico é o sinal utilizado em algumas palavras para indicar a sílaba tônica.

**a. Oxítonas:** quando a sílaba tônica é a última da palavra:

ca-**fé**

com-**por**

**b. paroxítonas:** quando a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca-**dei**-ra

ca-**rá**-ter

**c. proparoxítonas:** quando a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sí-**la**-ba

**lâm**-pa-da



INTERATIVIDADE: Você deve ter compreendido como é importante sabermos a classificação das palavras quanto à tonicidade como pré-requisito para revermos a acentuação gráfica no decorrer dessa unidade. Busque ampliar os exemplos, de preferência, na Gramática Ernani Terra – Ed. Scipione.

## 2.4

# ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS PARA EMPREGAR CORRETAMENTE: h, s, z, g, j, x, ch

A ortografia (do grego *orthós*= “reto, direito” e *gráphein*= “escrever, descrever”) é a parte da Gramática normativa que trata da maneira de escrever corretamente as palavras. Como o emprego das letras, em Português, em alguns casos, costuma gerar dúvidas, na presente subunidade vamos situar orientações básicas sobre o emprego de algumas letras.

FIGURA 16: Imagem que ilustra orientações ortográficas



FONTE: NTE, 2017.

### Emprego do H

O H não representa fonema algum. É apenas uma letra que se mantém em algumas palavras em decorrência da etimologia ou da tradição escrita de nosso idioma e na grafia dos dígrafos: ch, lh e nh. Quanto ao seu emprego, observam-se as seguintes regras:

a. Emprega-se o **H** no final de algumas interjeições:

Ah! Oh!

b. Emprega-se o **H** quando a etimologia ou a tradição escrita do nosso idioma assim determina:

Hábil, habitação, hábito, hálito, haver, hélice, herança, herói, hesitar, hiato, híbrido, hidrogênio, hífen, hipoteca, hoje, homem, honesto, honra, hora, horizonte.



c. No interior de vocábulos não se usa o H, exceto quando ele faz parte dos dígrafos ch, lh, nh:

Chave, malha, rainha.

Nos compostos em que o segundo elemento com **H** etimológico se une por hífen:

anti-higiênico, pré-história, super-homem.

## Emprego do S

Emprega-se o **S** nos seguintes casos:

a. Nos adjetivos terminados pelo sufixo **oso(a)**, indicador de abundância, estado pleno:

cheiroso, dengosa, formoso, honrosa.

b. Nos sufixos **ês(a)** e **isa**, indicadores de origem, título de nobreza ou profissão:

Marquesa, duquesa, camponês, francesa.

c. Nos adjetivos terminados pelo sufixo **ense**, indicador de relação, procedência, origem:

Brasiliense, fluminense, rio-grandense.

d. Depois de ditongos:

coisa, faisão, lousa, mausoléu.

e. Nas formas dos verbos **pôr** e **querer**.

Eu pus, se eu puser, se eu pusesse;

Eu quis, se eu quisesse, se eu quiser.



ATENÇÃO: O substantivo catequese é grafado com s, mas o verbo catequizar é grafado com z. Isso ocorre em função da etimologia: catequese vem do latim *catechese* e o verbo catequizar vem do latim *catechizare*.

## Emprego do z

Emprega-se o **z** nos seguintes casos:

a. Nos sufixos **ez** e **eza**, formadores de substantivos abstratos que têm adjetivos por base:

QUADRO 1:

ADJETIVO	SUBSTANTIVO ABSTRATO
altivo	altivez
belo	beleza
estúpido	estupidez
grande	grandeza
insensato	insensatez
magro	magreza
mesquinho	mesquinhez

FONTE: NTE, 2017.

QUADRO 2:

ESCREVEM-SE COM s		ESCREVEM-SE COM z	
através	lisura	atriz	meretriz
aviso	mês	atroz	prazer
bisar	mosaico	azar	prazo
brasa	nasal	azia	profetizar
casulo	obus	baliza	rapaz
catalisar	pêsames	bazar	rodízio
cisão	revés	buzina	sagaz
colisão	síntese	cafuzo	talvez
cós	sinusite	capaz	tenaz
crase	surpresa	cartaz	tez
crise	tosar	chafariz	vazio
despesa	três	coriza	veloz
deusa	uso	cruz	verniz
empresa	usina	deslize	voraz
fase	visar	desprezo	xadrez

FONTE: NTE, 2017.



**ATENÇÃO:** quando a palavra primitiva terminar com “s” a derivada ou diminutivo continua com s. Mas, se terminar com “z” ou for diminutivo, continuará com z:

lápis	lapisinho
pires	piresinho
juiz	juizinho
raiz	raizinha
pai	paizinho
papel	papelzinho
pé	pezinho

## Emprego do g

Emprega-se a letra **g**:

**a.** Nas palavras terminadas em **ágio, égio, ígio, ógio e úgio**:

pedágio, colégio, litígio, relógio, subterfúgio.

**b.** Nos substantivos terminados em **gem**:

garagem, coragem, margem, vertigem.

Exceção: pajem, lajem e lambujem.



**ATENÇÃO:** o substantivo viagem escreve-se com g. Mas viajei (e outras formas do verbo viajar) escreve-se com j.

## Emprego do j:

Emprega-se a letra **j**:

**a.** Em palavras de **origem tupi**:

jerimum, jiboia, jirau, pajé.

Exceção: Sergipe

**b.** Nas formas dos verbos terminados em **jar**:

apedrejar: apedreje, apedrejei, apedrejemos

arranjar: arranje, arranjei, arranjemyos

QUADRO 3:

ESCREVEM-SE COM g		ESCREVEM-SE COM j	
angélico	herege	anjinho	jiló
estrangeiro	ligeiro	berinjela	laje
evangelho	monge	cafajeste	majestade
geada	ogiva	canjica	manjedoura
gengibre	sargento	gorjear	monja
gengiva	sugestão	gorjeta	ojeriza
geringonça	tangerina	jeito	pajé
gim	tigela	jenipapo	sarjeta
gíria	vagem	jesuíta	traje
giz	vagido	jiboia	ultraje

FONTE: NTE, 2017.

## Emprego do X e do Ch

**a.** Depois de **ditongo** normalmente se escreve **x**.

Ameixa, caixa, eixo.

**b.** Depois da sílaba inicial **en**: emprega-se **x**.

Enxada, enxoval, enxaqueca.

**Exceções:** para os verbos encher e encharcar e seus derivados.

**c.** Depois da sílaba inicial “me” emprega-se **x**:

Mexer, mexicana, mexericar

**Exceções:** **mecha** e derivados escrevem-se com **ch**.

**d.** Palavras de origem **indígena e africana** são grafadas com **x**:

**Xangô, xará, xavante**



**ATENÇÃO:** palavras de uma mesma família geralmente são grafadas com a mesma letra.

Exemplos:

gesso: gesseiro, engessar, engessado.

análise: analisar, analisado.

bruxa: bruxaria, bruxo

## 2.5

# ORIENTAÇÕES BÁSICAS QUANTO AO USO DE: S, C, Ç, SC, SS

Na subunidade anterior, realizamos orientações ortográficas visando sanar as dificuldades que algumas palavras apresentam e nesta buscamos oferecer orientações básicas quanto ao uso de s, c, ç, sc e ss.

Observe as seguintes correlações:

**a.** Verbos grafados com **ced** originam substantivos e adjetivos grafados com **cess**:

ceder: cessão, cessionário  
conceder: concessão, concessionária  
exceder: excessivo, excesso

**b.** Verbos grafados com **nd** originam substantivos e adjetivos grafados com **ns**:

ascender: ascensão, ascensional, ascensor  
distender: distensão, distensor  
expandir: expansão, expansivo  
pretender: pretensão, pretensioso  
suspender: suspensão, suspensório

**c.** Após ditongos e em palavras de origem árabe ou tupi emprega-se **ç** e não **ss**:  
Açaí, açafraão, açúcar, caiçara, cupuaçu, feijão, louça, muçulmano

**d.** Os sufixos **aça (o)**, **iça (o)**, **uça (o)** são grafados com **ç**:  
barçaça, ricaço, dentuça

Escrevem-se com **sc**:

acrécimo	fascículo	piscina
adolescência	imprescindível	plebiscito
ascender	intumescer	recrudescer
consciência	irascível	reminiscência
crescer	miscigenação	rescisão
descender	nascer	ressuscitar
discente	obsceno	suscitar
disciplina	oscilar	transcender

## Formas Variantes:

Há palavras que podem ser grafadas de duas maneiras, ambas aceitas pelas normas cultas. Veja algumas:

cota/ quota	bílis/ bile
catorze/ quatorze	coisa/ cousa
cociente/ quociente	cãibra/ cãimbra
cotidiano/ quotidiano	espuma/escuma
assobiar/ assoviar	toucinho/ toicinho
percentagem / porcentagem	taverna/ taberna



**ATENÇÃO:** a palavra cinquenta não possui forma variante.



**INTERATIVIDADE:** busque ampliar seu vocabulário e minimizar suas dificuldades ortográficas, buscando outras palavras que você tem dúvidas no Dicionário de Língua Portuguesa de Celso Pedro Luft, citado nas referências deste material didático.



**SAIBA MAIS:** cê-cedilha é a letra c que se pôs cedilha. Indica que o c passa a ter som de s:  
Justiça, braço, lenço, ameaça

O ç só é usado antes de a, o, ou. Nunca se emprega o ç no início de uma palavra.

Observe as seguintes alterações gráficas para preservar o fonema:

braço - bracinho

lenço - lencinho



**TERMO DO GLOSSÁRIO:**

**correlações:** ligações, correspondências.

**exceder:** ultrapassar, passar.

**ascender:** subir, elevar.

**oscilar:** balançar, desequilibrar.

**transcender:** ir além de, ultrapassar.

## 2.6

# PALAVRAS E EXPRESSÕES QUE PODEM OFERECER DIFICULDADES NA GRAFIA

FIGURA 17: Imagem que ilustra a questão da grafia



FONTE: NTE, 2017.

Para complementar as orientações básicas quanto ao uso de determinadas letras, vistas nas subunidades 2.4 e 2.5, passamos agora a treinar palavras e expressões que podem oferecer dificuldades na grafia.

Observe:

### **CESSÃO / SESSÃO/ SEÇÃO**

**Cessão:** significa o ato de ceder, o ato de dar.  
Ele fez a cessão de seus direitos humanos.

**Sessão:** é o intervalo de tempo que dura uma reunião, uma assembleia.  
Reuniram-se em sessão extraordinária.

**Seção:** significa parte de um todo; segmento; subdivisão.  
Lemos a notícia na seção de esporte.

## **HÁ/A**

Na indicação de tempo, emprega-se:

**Há** – para tempo passado (equivale a faz)

**Há** dois meses que ele não aparece.

**A** – para tempo futuro.

Daqui a dois meses ele aparecerá.

## **MAIS/ MAS**

**Mais** é um advérbio de intensidade; também pode dar ideia de adição. Se invertermos o significado da frase, podemos substituí-lo por **menos**.

Sem dúvida, é a garota **mais** simpática da sala.

**Mas** é uma conjunção adversativa que indica oposição, contraste. Pode ser substituída por outra conjunção adversativa (porém, contudo, todavia, entretanto, etc.).

Ninguém esperava, **mas** ele acabou aparecendo.

## **MAU / MAL**

**Mau** é sempre um adjetivo (seu antônimo é **bom**); refere-se, pois, a um substantivo ou pronome.

Escolheu um **mau** momento.

### **Mal pode ser:**

**a.** Advérbio de modo (antônimo de bem).

Ele se comportou **mal**.

**b.** Conjunção temporal (equivale a “assim que”).

**Mal** chegou, saiu.

**c.** Substantivo (quando precedido de artigo ou de outro determinante).

O **mal** não tem remédio.



## ONDE / AONDE / DONDE

Emprega-se **aonde** com os verbos que dão ideia de movimento. Equivale para **onde**.

**Aonde** você vai?

Naturalmente, com os verbos que não dão ideia de movimento, emprega-se **onde**. Significa “lugar de que”.

**Donde** vem?

**De onde** você vem?



**INTERATIVIDADE:** busque ampliar seus conhecimentos sobre as expressões que podem oferecer dificuldades na grafia lendo textos de sua preferência e anotando a frase em que essas expressões surgirem.



**SAIBA MAIS:** um ato de comunicação envolve, normalmente, três pessoas gramaticais: a que fala (primeira pessoa); com quem se fala (segunda pessoa); a respeito de quem se fala (terceira pessoa). Essas pessoas gramaticais são representadas pelos pronomes pessoais.

## 2.7

# NOÇÕES SOBRE O EMPREGO DO HÍFEN NOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

FIGURA 18: Imagem que ilustra a questão do hífen



FONTE: NTE, 2017.

O hífen ( - ) é empregado na ligação de elementos de palavras compostas ou derivadas por acréscimo de prefixos ou sufixos (guarda-chuva, couve-flor), para ligar pronomes oblíquos ao verbo (amá-lo, dizê-lo) e para marcar a separação silábica das palavras (com-pu-ta-do-ri-za-do). Sem dúvida alguma, o emprego do hífen na ligação de elementos de palavras compostas ou derivadas é o que costuma gerar mais dúvidas, de acordo com as novas normas ortográficas. Nessa subunidade, será visto o que mudou. Desta forma:

**A** – O hífen não será mais utilizado em prefixos terminados em vogal seguidos de palavras iniciadas com “r” ou “s”. Nesse caso, essas letras deverão ser duplicadas.

**Norma antiga:** ante-sala, auto-retrato, anti-social, arqui-rival, auto-regulamentação, auto-sugestão, contra-senso, contra-regra, extra-regimento, infra-som, ultra-sonografia, supra-renal.

**Norma atual:** antessala, autorretrato, antissocial, arquirrival, autorregulamentação, autossugestão, contrassenso, contrarregra, extrarregimento, infrassom, ultrassonografia, suprarrenal.

**B** – O hífen não será mais utilizado quando o prefixo terminar com uma vogal e a segunda palavra começar com a mesma vogal.

**Norma Antiga:**

Antiinflamatório, antiinflacionário, antimperialista, arquiinimigo, micro-ondas, microônibus

**Norma atual:**

Anti-inflamatório, anti-inflacionário, anti-imperialista, arqui-inimigo, micro-ondas, micro-ônibus.

C – Caso o prefixo terminar em vogal diferente da que inicia a segunda palavra, o hífen não será utilizado:

**Norma antiga:**

Auto-ajuda, auto-escola, auto-estrada, auto-instrução, co-autor contra-exemplo, contra-indicação, contra-ordem, extra-escolar, infra-estrutura, intra-uterino, neo-imperialista, semi-aberto, semi-árido, semi-automático.

**Norma atual:**

Autoajuda, autoescola, autoestrada, autoinstrução, coautor, contraexemplo, contraíndicação, contraordem, extraescolar, infraestrutura, intrauterino neoimperialista, semiaberto, semiárido, semiautomático.

Observação: A regra não se encaixa quando a palavra seguinte iniciar por h: Anti-herói, anti-higiênico, extra-humano, semi-herbáceo.



**INTERATIVIDADE:** você domina o uso do hífen? Para ampliar seus conhecimentos sugiro consultar a Minigramática: Ernani Terra - Ed. Scipione – 2013.



**SAIBA MAIS:** chama-se “parassintética” a palavra nova obtida pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo.  
Ex.: entardecer (en- prefixo , tard- radical; ecer- sufixo)



**TERMO DO GLOSSÁRIO:**

**Prefixos:** são elementos mórficos que se agregam antes do radical a fim de formar palavras novas. Ex.: desleal (des- prefixo; leal- radical)

**Sufixos:** elementos que se agregam após o radical.

Ex.: felizmente (feliz- radical; mente- sufixo).

**Palavras compostas:** é a união de palavras que adquirem um novo conceito, formando uma unidade semântica.

Ex.: abaixo-assinado, aeroclube.

**Palavras derivadas:** são palavras que se obtém a partir de uma outra já existente, chamada primitiva.

Ex.: amizade (derivada de amigo).

## 2.8

# O USO DO HÍFEN COM PREFIXOS E SUFIXOS

FIGURA 19: Imagem ilustra a questão do uso do hífen



FONTE: NTE, 2017.

Observou-se, anteriormente, a importância do emprego correto do hífen. Nesta subunidade, você terá a oportunidade de compreender o uso do mesmo com prefixos e sufixos. Assim:

**a.** Nas palavras derivadas por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como **açu, guaçu e mirim**, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exigir.

Exemplo: sabiá-guaçu, anajá-mirim, capim-açu, etc.

**b.** Emprega-se o hífen nas palavras derivadas com os prefixos: ante, anti, auto, circum, contra, enter, extra, hiper, infra, intra, pan, semi, sobre, sub, super, supra, ultra.

1. Se o segundo elemento começar por h: anti-higiênico, circum-hospitalar, pan-helenismo, pré-história, semi-hospitalar, sobre-humano, etc.

2. Quando o prefixo terminar com a mesma vogal com que começa o segundo elemento: anti-ibérico, auto-observação, extra-abdominal, etc.

3. Os prefixos **circum e pan** separam-se por hífen se o segundo elemento iniciar por vogal, m ou n (além do **h** referido anteriormente).

4. Os prefixos **hiper, inter e super** separam-se por hífen se o segundo elemento começar por r: hiper-requintado, inter-racial, super- realista, super- revista, etc.

5. Os prefixos tônicos acentuados graficamente: **pós, pré, pró** separam-se por hífen se o segundo elemento tiver vida à parte. Pós-operatório, pré-escolar, pró-britânico, etc.

6. Os prefixos **ex** (com o sentido de estado anterior ou cessamento): **sota, soto, vice e vizo** separam-se por hífen qualquer que seja o segundo elemento. Ex-diretor, ex-presidente, sota-piloto, soto-mestre, vizo-rei.

**a.** Não se usa hífen:

1. Com o prefixo **co**, quando se juntar a outro elemento iniciado por o.

cooperar, coordenar, coobrigado, etc.

2. Em formações de palavras que contêm em geral os prefixos **des** e **in** e nas quais o segundo elemento perdeu o h inicial.

desumano, inábil, inumano, etc.



SAIBA MAIS:

» Em locuções cuja grafia está consagrada pelo uso, mantém-se o hífen:

cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, à queima-roupa.

» Não se emprega hífen em locuções :

Cartão de crédito, fim de semana, cor de vinho, etc.



TERMO DO GLOSSÁRIO:

**Anti-ibérico** – que se opõe ao iberismo

**Anajá-mirim** – nome popular de uma palmeira

**Sota-piloto** – o segundo piloto e substituto natural do piloto

**Inábil** – que não demonstra habilidade

**Inumano** – desumano

## 2.9

# UMA SÍNTESE SOBRE A ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Na língua escrita, em alguns casos, há a necessidade de se indicar a sílaba tônica ou a pronúncia correta de uma palavra por meio de certos sinais gráficos. Tais sinais recebem o nome de acentos gráficos e são colocados sobre as vogais. Para acentuar corretamente as palavras, convém observar as regras que serão expostas nesta subunidade.

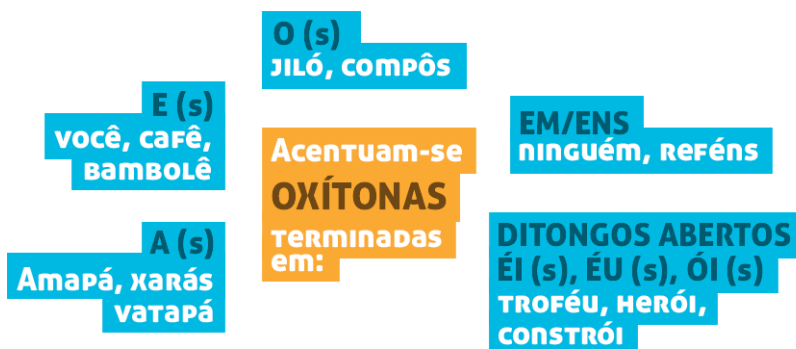
FIGURA 20: Imagem ilustra a acentuação gráfica



FONTE: NTE, 2017.

## OXÍTONAS:

FIGURA 21: Imagem ilustra a acentuação gráfica das palavras oxítonas



FONTE: NTE, 2017.

São acentuadas as palavras oxítonas que apresentam as seguintes terminações:

A(s) - maracujá, Paraná, Goiás

E(s) - café, cafés, você

O(s) - dominó, paletós, vovô

Em, ens - armazém, armazéns, vintém

Essa regra aplica-se também aos seguintes casos:

**a.** Monossílabos tônicos terminados em **a, e, o**, seguidos ou não de s.

Cá, pé, dó, lês, pôs

**b.** Formas verbais terminadas em **a, e, o** tônicos seguidas de **lo(s), la(s)**.

Amá-lo, dizê-lo, repô-lo, fá-lo-á.

### Regras Especiais

1. Os ditongos de pronúncia aberta **éu, éi, ói** recebem acento agudo na vogal nas palavras oxítonas e nos monossílabos. Exemplos: céu, anéis, heróis, anzóis

O acordo ortográfico de 1990 aboliu o acento agudo nos ditongos abertos **ei, oi** das palavras paroxítonas. Assim, palavras como estas não devem receber mais acento agudo: ideia, assembleia, jiboia, heroico.

2. Coloca-se acento agudo nas vogais **i** e **u** tônicas dos hiatos, quando estiverem sozinhas na sílaba ou seguida da letra **s**: sa-í-da, He-lo-í-sa, ca-ís-te.

3. Não se acentuam, o i e o u que formam hiato quando:

» Forem seguidos, na mesma sílaba, de **l, m, n, r, z**

Ra-ul, ru-im, con-tri-buin-te, sa-ir-des, ju-iz

» Forem seguidos de **nh**:

Ba-i-nha, ta-i-nha

» Forem precedidos de ditongo ou de vogal idêntica:

Bai-u-ca, fei-u-ra, xi-i-ta

» Nas palavras oxítonas, mesmo precedidas de ditongo, as **letras i** e **u** dos hiatos recebem acento gráfico:

Pi-au-í, tui-ui-ús

» Não se acentuam os ditongos **iu** e **ui** precedidos de vogal.

Distraiu

4. Os verbos **ter** e **vir** levam acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo:

Eles têm, eles vêm.

5. Os verbos derivados de **ter** e **vir** (conter, deter, manter, intervir, reter, etc.) levam acento agudo na terceira pessoa do singular e acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

QUADRO 4:

SINGULAR	PLURAL
ele intervém ele retém	eles intervêm eles retêm

FONTE:

7. Está abolido o acento circunflexo na terceira pessoa do plural dos verbos *crer*, *dar*, *ler*, *ver*, (e seus derivados).

## PAROXÍTONAS:

FIGURA 22: Imagem que ilustra a acentuação gráfica das palavras paroxítonas

FONTE: NTE, 2017.

São acentuadas as palavras paroxítonas que apresentam as seguintes terminações.

Exemplos:

I (s), us - júri, júris, tênis

Um, uns - álbum, álbuns, fórum

R - açúcar, caráter, mártir

X - clímax, ônix, tórax

N - abdômen, hífen, pólen

L - amável, fácil, indelével



Ditongos orais - cárie, fáceis, Itália  
Ã(s), ão(s) - órfã, órgão  
ps - bíceps, fórceps

Não se acentuam os paroxítonos terminados em **ens**.

Hifens, polens, jovens, nuvens

Não se acentuam os prefixos paroxítonos terminados em **i** ou **r**

Inter-helênico, semi-internato, super-homem

## PROPAROXÍTONAS:

Todas as palavras proparoxítonas serão acentuadas graficamente.

Exemplo: África, árvore, quiséssemos.

Também está abolido o centô diferencial que existia em algumas palavras. As duas únicas palavras em que se emprega obrigatoriamente o acento diferencial são:

**Pôde** (pretérito perfeito) – para diferenciar de **pode** (presente do indicativo).

**Pôr** (verbo) – para diferenciar de **por** (preposição).



**SAIBA MAIS:** pelo acordo ortográfico de 1990, pode-se usar, facultativamente, acento diferencial em:

Fôrma (substantivo) para diferenciar de forma (verbo ou substantivo);

Dêmos (primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo) para diferenciar de demos (primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo).



**TERMO DO GLOSSÁRIO:**

**Inter-helênico** – relativo às relações entre os antigos gregos (helenos) entre si.

**Expostas** – evidenciadas, ostentadas.

**Idêntica** – igual, equivalente, similar.

**Abolido** – extinto, eliminado.

## 2.10

# CASOS ESPECÍFICOS SOBRE O USO DA CRASE

FIGURA 23: Imagem que ilustra o uso da crase



FONTE: NTE, 2017.

A palavra crase, de origem grega *kráss* significa “fusão, mistura. De acordo com a Gramática e fonética da Língua Portuguesa ocorre a crase com as vogais idênticas (a + a), indicada, na escrita, pelo acento grave (´). É importante que você não confunda crase com acento grave. No decorrer dessa subunidade, terá a oportunidade de observar que a crase é um fenômeno fonético; pertence, pois, à língua oral. O acento grave é o símbolo gráfico que indica a fusão dos dois **a**. E, assim, pertence à língua escrita.

A Crase é obrigatória:

Em locuções que tenham como núcleo uma palavra feminina:

À queima-roupa, às dezesseis horas, à noite, às mil maravilhas, etc.

**1.** Quando a expressão “à moda de” (ou “à maneira de”) estiver subtendida. Nesse caso, mesmo que a palavra que venha depois seja masculina, há crase.

Exemplo: na festa, serviram lagosta à Thermidor.

**2.** Quando está implícita uma palavra feminina.

Exemplo: Esta religião é semelhante à dos hindus.



ATENÇÃO: excluída a hipótese de se tratar de qualquer um dos casos anteriores, deve-se substituir a palavra feminina por outra masculina da mesma função sintática. Se ocorrer “ao” no masculino, haverá crase.

Ninguém é insensível à dor (ao sofrimento) – há crase.

A professora chamou a aluna (o aluno) – não há crase.

### Não Existe Crase

1. Antes de substantivo **masculino**.

Vende-se **a prazo**.

2. Antes de verbo

Estou disposta **a colaborar** com **a turma**.

3. Antes da expressão de tratamento introduzida pelos pronomes possessivos

“**Vossa**” ou “**Sua**”.

Enviei dois ofícios **a Vossa** Senhoria.

4. Antes da expressão de tratamento “**ocê**” e pronomes  **pessoais**:

Enviaram flores a **ocê**.

Nada revelei a ela.

5. Antes de pronomes demonstrativos **esta** ou **essa**:

Não me refiro **a este** e-mail.

O crítico refere-se **a essa** obra.

6. Antes dos pronomes  **indefinidos** com exceção de outra.

Direi isto **a qualquer** pessoa.

A entrada é vedada **a toda** pessoa estranha.

7. Quando **a** estiver **no singular** e a palavra seguinte no plural.

Refiro-me **a questões** anteriores.

8. Quando antes do **a** existir uma  **preposição**.

Os papéis estavam **sob a** mesa.

9. Com expressões repetitivas.

Eles estavam frente a frente.

### A crase é facultativa

1. Antes de nomes próprios femininos.

Enviamos rosas **à** Cíntia.

Enviamos rosas **a** Cíntia.

2. Antes de pronome possessivo feminino singular.

Solicitou informações **a** minha secretária.

Solicitou informações **à** minha secretária.

## Casos Especiais

### 1. Nomes de localidades

» Para você saber se o nome da localidade aceita artigo, deve substituir o verbo da frase pelos verbos **estar** ou **vir**.

» Se ocorrer a combinação **na** com o verbo estar ou **da** com o verbo vir, ocorrerá crase.

» Se ocorrer apenas as preposições **em** ou **de** não haverá crase.

Observe:

Enviou seus representantes a Bahia. (Estou **na** Bahia.); (Vim **da** Bahia).

O correto será: Enviou seus representantes **à** Bahia.

O avião dirigia-se a Santa Catarina. (Estou **em** Santa Catarina); (Vim **de** Santa Catarina).

O correto será: O avião dirigia-se a Santa Catarina.

### Exceção:

Quando houver um adjetivo antes do nome da localidade, obrigatoriamente haverá crase.

Vou **à grande** São Paulo.

### 2. Pronomes demonstrativos aquele(s), aquela(s), aquilo.

Quando ocorrer a preposição **a** diante desses demonstrativos, há crase.

A solução não se relaciona a aqueles (**àqueles**) problemas.

Enviei convites a aquele (**àquele**) palestrante.

Não dei atenção a aquilo (**àquilo**).



ATENÇÃO: o uso da crase será comprovado, substituindo-se os pronomes demonstrativos aquele, aquela, aquilo pelos demonstrativos este (estes), esta(s), isto.

» Enviei currículos aquela (**a esta**) empresa.

**Correto:** Enviei currículos **àquela** empresa.

» A solução não se relaciona a aqueles (**a estes**) problemas.

**Correto:** A solução não se relaciona **àqueles** problemas.

» Não dei atenção a aquilo (a isto).

**Correto:** Não dei atenção **àquilo**.

### 3. Palavra “casa”

Quando ela significar **lar, domicílio** e não vier acompanhada de adjetivo, ou locução adjetiva, não haverá crase.

Chegou **a casa** e logo se jogou na cama.

Dirigiu-se **à casa** de Lúcia.

Iremos à encantadora casa de campo da família Sousa.

### 4. Palavra “distância”

Não se usa crase diante da palavra distância, salvo quando se tratar de **distância determinada**.

**A distância**, via-se um barco pescueiro.

Via-se um barco **à distância** de quinhentos metros.

### 5. Palavra “terra”

a) Não há crase quando a palavra significa o oposto a mar, ar ou bordo

» Os marinheiros ficaram felizes, pois resolveram ir a terra.

» Os astronautas desceram a terra na hora prevista.

b) Há crase quando a palavra significa solo, planeta, ou lugar onde a pessoa nasceu.

» Voltou à terra de seus sonhos.

» Voltei à terra onde nasci.

### 6. Pronome Relativo

Todo pronome relativo tem um substantivo expresso ou implícito como antecedente. Portanto, para se confirmar se há crase, substitui-se esse antecedente por um substantivo masculino.

Quando o **a** se transforma em **ao** há crase. Caso contrário, **não**.

**A fábrica a que** me refiro precisa de empregados.

**O escritório a que** me refiro precisa de empregados. (**Não há crase**)

**A profissão à qual** aspiro é almejada por muitos

**O trabalho ao qual** aspiro é almejado por muitos. (**Há crase**)



INTERATIVIDADE: você gostaria de fixar melhor os conceitos sobre a crase?

Sugiro buscá-las na Gramática Ernani Terra - Editora Scipione ou outra Gramática de Português.



SAIBA MAIS: atualmente, o alfabeto é formado por 26 letras, incluindo-se o k, w e Y que antes não faziam parte do alfabeto. Agora são usadas em palavras em geral, nomes próprios, palavras estrangeiras e unidades de medida.

# 3

---

PRODUÇÃO DE TEXTOS DE  
FORMA CRÍTICA E AUTÔNOMA

---



# INTRODUÇÃO

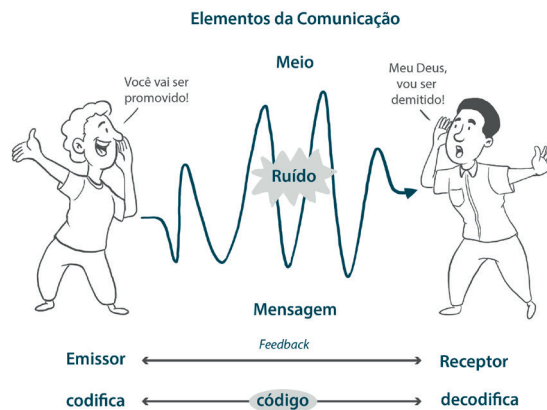
**N**o decorrer desta unidade, objetiva-se a produção de textos de forma crítica e autônoma. Esse estudo é também proposto para encantá-lo(a) com a linguagem e redescobrir a língua a cada dia. Em concordância com o objetivo da Disciplina: desenvolver a análise dos esquemas funcionais de Língua Portuguesa e auxiliar a desenvolver a produção de textos de forma crítica e autônoma passamos a desenvolver as seguintes subunidades. Para as subunidades objetiva-se: promover habilidades relativas ao processo de comunicação; auxiliar a reconhecer os níveis da língua Portuguesa; auxiliar na compreensão das habilidades relativas à sintaxe e à grafia dos porquês; compreender a redação do texto acadêmico; utilizar sugestões para escrever um texto acadêmico; identificar e praticar a redação da introdução, desenvolvimento e conclusão em trabalhos acadêmicos; compreender tipos de textos acadêmicos; desenvolver habilidades pertinentes à escrita das referências bibliográficas e citações no texto acadêmico.



## 3.1

# HABILIDADES RELATIVAS AO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

FIGURA 24: Imagem que ilustra o processo de Comunicação



FONTE: NTE, 2017

A força da comunicação, na contemporaneidade, é de multiplicidade infinita. Realmente, a todo instante, o ser humano sofre o impacto desse processo. A vida e o comportamento humanos são regidos pela persuasão, pela palavra, som, cores, formas, gestos, expressão facial, símbolos. Enfim, pelas imagens do mundo virtual que predomina nas redes sociais. Chalhub (1999) adota seis fatores que sustentam o modelo de comunicação: emissor, receptor, canal, código, referente e mensagem. Ressalta que as possibilidades de interpretação de uma mensagem identificam-se “na própria direção intencional do fator da comunicação, o qual determina o perfil da mensagem, determina sua função, a função de linguagem que marca aquela informação”. Assim, a mensagem determina a função da linguagem, de acordo com a ênfase:

**No fator - função referencial**

**No emissor - função emotiva**

**No receptor - função conativa**

**No canal - função fática**

**Na mensagem - função poética**

**No código - função metalinguística**

Essa correlação não se limita à linguagem verbal, como exemplo, a publicidade, que independentemente de ser em “televisão, revista, outdoor, rádio”, irá ter sempre um perfil conativo à linguagem. Chalhub (1999) ressalta, ainda, que pode haver várias funções numa mensagem, contudo, sempre uma função prevalecerá.

**O código:** estabelece a forma da mensagem, ou seja, hierarquiza as funções da linguagem metalinguisticamente.

A função predominante marca a qualidade da mensagem e as outras são os contrapontos, “para desenharem o diagrama relacional da mensagem”.

**O emissor:** oferece informações sobre a realidade, por isso é objetiva, direta, denotativa, prevalecendo a 3ª pessoa do singular. Mesmo reconhecendo a arbitrariedade dos signos em relação à realidade e a decorrente impossibilidade de representação absoluta dessa realidade, para fins didáticos, foram adotados dois níveis de linguagem: conotativa e denotativa.

Na linguagem conotativa, um signo empresta sua significação para campos semânticos diversos simultaneamente. Na linguagem denotativa, há uma aproximação mais direta entre o termo e o objeto, produzindo informações “claras, transparentes e sem ambiguidades”.

Corroborando com a autora supracitada, passa-se a uma síntese de cada função, identificadas pelo foco da mensagem, para melhor entendimento dessas habilidades tão importantes no processo da comunicação. Dessa forma:

**A Função Referencial:** centraliza-se no referente (o quê). Nesse campo, de acordo com Chalhub (1999, p. 9), há a emoção poética, as memórias e as lembranças.

**A Função Emotiva ou Expressiva:** centraliza-se no emissor (quem), revelando, assim, as opiniões e sentimentos do mesmo. Chalhub (1999, p. 16) exemplifica essa função com fragmentos da letra de Detalhes de autoria de Roberto Carlos e Erasmo Carlos:

Não adianta nem tentar  
Me esquecer  
Durante muito tempo  
Em sua vida  
Eu vou viver.

Conforme observou-se, essa figura é típica em canções populares, em novelas e pinturas, pois o senso comum identifica a função emotiva como arte na expressão de suas sensações e pensamentos. Ou seja, “na inspiração”.

**A Função Conativa ou Apelativa:** centraliza-se no receptor (para quem). De acordo com a autora supracitada (CHALHUB, 1999, p. 22), o próprio sentido etimológico da palavra conativa, originada no latim conatum, busca influenciar o comportamento do receptor por meio do diálogo. Essa função, marcada gramaticalmente, pelo predomínio da segunda pessoa, do vocativo e do verbo no imperativo, não está ligada com os sentimentos, mas “intimamente” vinculada ao trabalho com o código e com a mensagem. Quando a mensagem está vinculada ao destinatário é, também, chamada de apelativa.

FIGURA 25: Imagem ilustra exemplo de função conativa.



FONTE: NTE, 2017.

FIGURA 26: Imagem ilustra exemplo de função apelativa.



FONTE: NTE, 2017.

**A Função Fática:** centraliza-se no canal da comunicação (onde). Ao corroborar com Chalhub (1999, p. 28), destaca-se que o objetivo dessa função é testar o canal, prolongá-lo ou interrompê-lo. Há repetições ritualizadas do cotidiano fático. Assim, certos “tiques” de fala, eventualmente, caracterizam-se como fáticos: “Certo?”, “Entende?”, “Não é”?

**A Função Poética:** caracteriza-se pelo (como) por meio de uma configuração poética da mensagem: “a realidade sensível e concreta da palavra” (CHALHUB, 1999, p. 32). É, portanto, a sensibilidade da palavra que fundamenta a essência da poesia. A autora salienta as equivalências sonoras entre o som e o sentido, como, por exemplo: “sonhei com o mar, sonhei com o Omar” (CHALHUB, 1999, p. 45).

**A Função Metalinguística:** centraliza-se no código da mensagem (com o quê). É a linguagem para falar de si mesma. Chalhub, sempre preocupada em ressaltar o prazer do texto (1999, p. 48), salienta que essa função é um sistema de símbolos com significação fixa, convencional, com a finalidade de representar e transmitir

e organizar seus sinais na mesma mensagem, para então circular pelo canal entre a emissão e a recepção. Nesse contexto, todos os sistemas de sinais tornam-se passíveis de interpretação metalinguística e da observação de dois níveis obrigatórios de linguagem: a linguagem objeto, que fala dos objetos estranhos à linguagem; e a metalinguagem, a qual fala da linguagem como tal. A função metalinguística é, também, utilizada na moda, pois as roupas compõem uma mensagem. Um sintagma, as peças do código, mesmo escolhidas ao acaso, comunicam a moda ou a displicência. Os dicionários, traduções e críticas também são exemplos pertinentes de metalinguagem. Eis porque, no processo de comunicação, uma obra antes de abordar o tema, deve explicar a tipologia da linguagem que será adotada e que irá sustentar o modelo, os fatores da mensagem que sustentam o modelo da comunicação. O qual determina o perfil da linguagem, aquela função que marca a informação.

## 3.2

# OS NÍVEIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

FIGURA 27: Imagem ilustra exemplo referente à linguagem.



FONTE: NTE, 2017.

A comunicação não é regida por normas fixas e imutáveis, pois a linguagem pode transformar-se através do tempo. É só comparar textos antigos com os atuais para percebermos inúmeras mudanças no estilo e na expressividade. Isso ocorre por múltiplos fatores: época, região geográfica, ambiente, *status* sociocultural dos falantes. O modelo de Língua chamada padrão é uma decorrência da imitação, do modelo de linguagem comum ao grupo social mais culto. Nesse âmbito, Martins (1976, p. 2) cita dois tipos de Língua: a Língua falada e a Língua escrita.

### A Língua Falada classifica-se em:

**Língua Culta:** é a falada por pessoas instruídas, cultas, seguindo a Gramática da Língua.  
*Exemplo:* Temos consciência de que alguns casos de delinquência juvenil no mundo hodierno decorrem da violência que se projeta através dos meios de comunicação.

**Língua Coloquial:** é a língua espontânea do falante, sem preocupação com as normas linguísticas. É a língua cotidiana, que comete pequenos deslizes gramaticais.  
*Exemplo:* Cadê o livro que te emprestei? Me devolve em seguida, sim?

**Língua Vulgar:** é própria das pessoas sem instrução. É mais natural, livre de convenções sociais. Infringe totalmente as convenções gramaticais.  
*Exemplo:* Nós ouvimo falá que vai chuvê.

**Língua Regional:** como indica o próprio nome, está circunscrita a regiões geográficas, caracterizando-se pelo acento linguístico, que é a soma das qualidades físicas do som, altura, intensidade, timbre). Apresenta um patrimônio vocabular próprio, típico de cada região.

*Exemplo:* A la pucha, tchê! O índio está mais por fora do que cusco em procissão.

**Língua Grupal:** É uma língua hermética porque pertence a um grupo fechado. Classifica-se em:

**Grupal Técnica:** é a língua em decorrência da profissão: a expressão de um diagnóstico médico, a restrita ao meio jurídico.

*Exemplo:* As notas de Semiótica que Pierce colocou no papel possuem importância histórica.

**Língua Grupal Gíria:** existem tantas quantos forem os grupos fechados. Há a gíria dos jovens, policiais, militares, jornalistas, etc.

*Exemplo:* E aí, beleza?

**A Língua Escrita classifica-se em:**

**Literária:** é a utilizada pelos escritores, muitas vezes pela estilística regional. Principalmente, a partir do modernismo, eles cometeram certas infrações gramaticais, que, de modo algum, se confundem com os erros observados nos leigos. Enquanto nestes as incorreções acontecem por ignorância das normas, naqueles as mesmas ocorrem por imposição da estilística.

**Língua Padrão:** aquela que obedece a todas as normas gramaticais da sintaxe, acentuação gráfica, etc.

*Exemplo:* “E nasci para escrever. Minha vontade é escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo. Eu tive desde a infância várias vocações que me chamavam ardentemente. Uma das vocações era escrever. E não sei por que foi essa que segui. Talvez porque para as outras vocações eu precisaria de um longo aprendizado, enquanto que para escrever o aprendizado é a própria vida”. (LISPECTOR, 1993, p. 17).



**SAIBA MAIS:** ao redigir um texto, um artigo ou TCC não é permitido, estilisticamente, a troca de um nível para outro, como o uso de gírias, etc. Deve-se seguir sempre os padrões gramaticais permitidos pela Língua Padrão.



**INTERATIVIDADE:** comparar os estilos linguísticos é algo prazeroso. Procure algumas obras de Mário de Andrade, como o seu livro *Macunaíma*, obras de Érico Veríssimo, como a Trilogia *O Tempo e o Vento*, e outro de sua preferência, disponível nas livrarias.



**TERMO DO GLOSSÁRIO:**

**Infringe:** rompe, desrespeita, transgride.

**Mundo hodierno:** mundo contemporâneo, moderno.

**Circunscrita:** localizada, limitada, estrita.



SAIBA MAIS:

» CHALUB (1999) ressalta, contudo, que a tipologia de comunicação: emissor, receptor, canal, código, referente e mensagem nem sempre foi a mesma. Exemplifica isso com dois autores: Karl Bühler, cujo modelo triádico contém “o destinador (mensagens de caráter expressivo), o destinatário (mensagens de caráter apelativo) e o contexto (mensagens de caráter comunicativo)”;

e Roman Jakobson, que amplia para seis os fatores da comunicação.

» Quando escrevemos, é importante saber diferenciar os níveis denotativos e conotativos da lingual:

- nível denotativo: é o sentido do dicionário. Ex.: O pêssego é um excelente fruto, quando maduro.

- nível conotativo: corresponde à linguagem metafórica. Ex.: Ela colheu o fruto do seu trabalho.

## 3.3

# HABILIDADES RELATIVAS À SINTAXE E À GRAFIA DOS PORQUÊS

FIGURA 28: A sintaxe



FONTE: NTE, 2017.

Saber uma língua e comunicar-se implica também conhecer as habilidades relativas ao domínio das estruturas das frases relativas à sintaxe, a fim de escolher a construção linguística mais adequada ao contexto em que ocorre a comunicação, ao produzirmos um texto. Em geral, as orações se estruturam por meio de um **sujeito** e de um **predicado**. “Num enunciado completo, via de regra, nos é dada uma informação a respeito de alguém ou de alguma coisa. O ser de quem se informa algo denomina-se sujeito. A informação propriamente dita recebe o nome de predicado” (TERRA, 2003, p. 243).

Na construção linguística da comunicação escrita, a grafia dos porquês, eventualmente, oferece dúvidas. Buscando trabalhar as habilidades e dificuldades citadas, no primeiro momento veremos as habilidades relativas à sintaxe e, no segundo, as habilidades relativas à grafia dos porquês.

## Habilidades relativas à sintaxe

Termos Essenciais da Oração: **Sujeito e Predicado**

**Sujeito:** O ser de quem se informa algo.

**Predicado:** A informação propriamente dita.

Exemplo: Juvenal dirigia a palavra às classes menos favorecidas.

Sujeito – Juvenal

Predicado – dirigia a palavra às classes menos favorecidas.



## SUJEITO E CONCORDÂNCIA

Sempre haverá concordância em número e pessoa, entre verbo e sujeito, mesmo que a oração venha em ordem inversa. Ex.:

1) *Tu estavas tão linda.*

Sujeito: tu – segunda pessoa do singular

Verbo: estavas – segunda pessoa do singular

2) Fabiana estava tão linda.

Sujeito: Fabiana – terceira pessoa do singular

Verbo: estava - terceira pessoa do singular

3) Fabiana e Flávia estavam tão lindas

Sujeito: Fabiana e Flávia

Verbo: terceira pessoa do plural.

4) Naquela região ocorreram fenômenos inexplicáveis

Sujeito: fenômenos inexplicáveis - terceira pessoa do plural

Verbo: ocorreram – terceira pessoa do plural

## TIPOS DE PREDICADO

Dependendo do núcleo ou dos núcleos, temos predicado verbal, nominal e predicado verbo-nominal:

**Predicado verbal:** o núcleo da informação veiculada pelo predicado está contido num verbo nocional (transitivo ou intransitivo).

Exemplo: Mariana chegou na Universidade.

Sujeito: Mariana

Predicado verbal: chegou na Universidade

**Predicado nominal:** o núcleo da informação veiculada pelo predicado está contido num nome (predicativo do sujeito). O verbo, nesse caso, funciona como elemento de ligação entre o sujeito e o predicativo.

Exemplo: A prova era fácil.

Sujeito: A prova

Predicado Nominal: era fácil

**Predicado verbo-nominal:** é um predicado que apresenta dois núcleos: o verbo nocional (transitivo ou intransitivo) e o predicativo (do sujeito ou do objeto).

Exemplo: O menino chegou machucado ao colégio.

Sujeito: O menino

Predicado verbo-nominal: chegou machucado ao colégio

## Habilidades relativas à grafia dos porquês

FIGURA 29: Imagem que ilustra o uso dos porquês.



FONTE: NTE, 2017.

A palavra porque, conforme sua posição e seu significado na frase, apresenta quatro maneiras distintas de grafia:

a) **Por quê** – separado e com acento – **significa por qual motivo.**

É usado somente ao fim da frase, antes de um ponto.

Exemplos:

Você está assim feliz *por quê?*

Ela está zangada, mas eu não sei *por quê.*

b) **Porquê** – junto e com acento – **significa o motivo.**

Está substantivado e admite o artigo.

Exemplo:

Não sei o **porquê** de seu entusiasmo.

c) **Porque** – junto e sem acento – **quando dá uma explicação e pode ser usado no lugar de “por causa que e porquanto”.**

Exemplo:

Sou feliz, **porque** me escutas.

d) **Por que** – separado e sem acento – **quando significa por que motivo, pelo qual.**

Exemplos:

Afinal, chegou o dia **por que** tanto esperei.

Então, **por que** não falas claramente?



SAIBA MAIS: Ordem Direta e Ordem Inversa do Sujeito:  
A posição normal do sujeito é no início da frase. Quando isso ocorre, dizemos que ele está em ordem direta.

Ex: *Coisas agradáveis aconteceram naquele verão.*

Sujeito: coisas agradáveis

Predicado: aconteceram naquele verão.

*Outras testemunhas apresentaram uma nova versão dos fatos.*

Sujeito: Outras testemunhas

Predicado: apresentaram uma nova versão dos fatos.

Nada impede, porém, que o sujeito venha depois do predicado ou nele intercalado. Quando isso ocorre, dizemos que a oração está na ordem inversa ou indireta.

Ex: *Aconteceram naquele verão coisas agradáveis.*

Sujeito: coisas agradáveis

Predicado: aconteceram naquele verão.

*Apresentaram outras testemunhas uma nova versão dos fatos.*

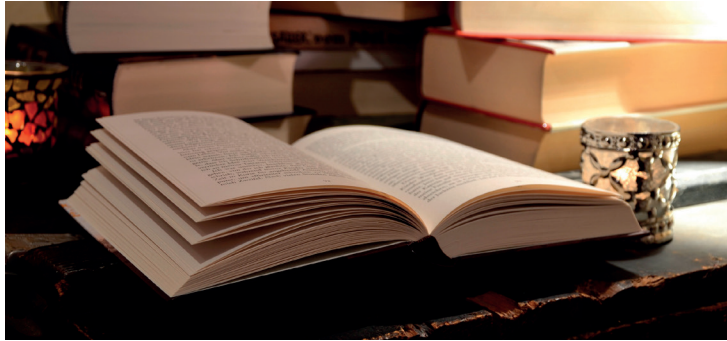
Sujeito: outras testemunhas

Predicado: Apresentaram (...) uma nova versão dos fatos.

## 3.4

# HABILIDADES RELATIVAS À SINTAXE E À GRAFIA DOS PORQUÊS

FIGURA 30: Imagem ilustra a questão da redação acadêmica



FONTE: NTE, 2017.

Você já realizou uma pesquisa? Caso ainda não o fez, você terá a oportunidade, durante o nosso Curso, de fazê-lo. Seja no transcurso dele, seja no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Por isso, guarde essas informações para que a sua redação tenha êxito. Elas o ajudarão a redigir o relatório da pesquisa e/ou do seu TCC, bem como todo e qualquer texto acadêmico que você deverá elaborar.

A leitura deste material será de grande importância para todos aqueles que pretendem dar continuidade aos seus estudos. Aqui, e nas subunidades subsequentes, teremos informações importantes para a redação de um texto acadêmico. Começaremos com a Revisão de Bibliografia: Para que serve? Como se faz uma revisão? Após, daremos algumas sugestões para escrever ou revisar um texto acadêmico e na sequência indicaremos formas de como redigir a introdução, o desenvolvimento e a conclusão em trabalhos acadêmicos. Informaremos também sobre os tipos de textos acadêmicos e as suas características e, para encerrar a unidade, comentaremos sobre as referências bibliográficas e citações no texto acadêmico.

## Revisão Bibliográfica

Figura 31: Imagem ilustra a questão da revisão bibliográfica.



FONTE: NTE, 2017.

O texto acadêmico é decorrente de uma pesquisa realizada. A Revisão Bibliográfica, necessária à redação acadêmica, tem o objetivo de “iluminar” o caminho a ser trilhado pelo pesquisador, desde a definição do problema de pesquisa até a interpretação dos seus resultados. Ela contextualiza o problema a ser pesquisado dentro da área de estudo e analisa o referencial teórico. Ela também deverá integrar o relatório do estudo.

A **Revisão Bibliográfica** é necessária para que tenhamos clareza sobre as principais questões teórico-metodológicas pertinentes ao tema escolhido.

É a familiaridade com o estado do conhecimento na área que torna o pesquisador capaz de problematizar um tema, indicando a contribuição que seu estudo pretende trazer à expansão desses conhecimentos, quer procurando esclarecer questões controversas ou inconsistências, quer preenchendo lacunas (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2001, p. 30).

A sua importância está em evitar que mais tarde (às vezes, tarde demais) a “roda já tinha sido inventada”, ou seja, que o que estamos falando já foi dito diversas vezes por outras pessoas. É por isso que a **Revisão de Literatura** deve anteceder a elaboração de qualquer projeto e, assim, o pesquisador vai se familiarizando, progressivamente, com o objeto de pesquisa.

## SUGESTÃO DE COMO FAZER UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

- 1) Começar a revisão pelo “Estado da Arte”, se houver. Estado da Arte é elaborado por especialistas, pessoas que aliam profundo conhecimento na área e capacidade de sistematização.
- 2) Quando não houver este tipo de revisão é recomendável começar pelos artigos disponíveis e mais recentes, ou seja: obras de referência (resumos de teses e dissertações), portais elaborados para a divulgação de pesquisas.



INTERATIVIDADE: exemplos de portais para a divulgação de pesquisas: INEP e CNPq (<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/200405/links/pesquisa.htm>Prossiga)

**Observação:** A revisão deve basear-se em fontes primárias (artigos, documentos ou livros).

Ao construir o seu problema, o pesquisador necessita fazer exaustiva leitura; porém, ela deve capacitá-lo a também identificar as questões relevantes e a selecionar os estudos mais significativos para essa construção. Isto dará organicidade à revisão, evitando a descrição monótona de estudo por estudo. Em torno das questões relevantes é que devemos apresentar os autores que as defendem ou fornecem evidências da proposição apresentada.



SAIBA MAIS: Bianchetti e Machado (2002) apresentam trechos caricaturados, possibilitando o nosso reconhecimento do que se deve evitar durante a nossa redação. Esses trechos facilitam o nosso entendimento do que NÃO se deve fazer na hora de redigir um texto acadêmico.

Texto:

#### SUMMA

Pesquisadores inexperientes frequentemente sucumbem ao fascínio representado pela ideia (ilusória) de “esgotar assunto”. De origem medieval, a summa é aquele tipo de revisão em que o autor considera necessário apresentar um resumo de toda a produção científica da cultura ocidental sobre o tema (em anos recentes, passando a incluir também as contribuições de culturas orientais), bem como as suas ramificações e relações com campos limítrofes. Por essa razão, poderia também ser chamado “do universo e outros assuntos”.

#### ARQUEOLÓGICO

Imbuído da mesma preocupação exaustiva que caracteriza o tipo anterior, distingue-se daquele pela ênfase da visão diacrônica. No que se refere à educação, começa pelos jesuítas mesmo que o problema diga respeito à politécnica; se o assunto for de educação física, considera imperioso recuar à Grécia clássica, e assim por diante.

#### PATCHWORK

Este tipo de revisão se caracteriza por apresentar uma colagem de conceitos, pesquisas e afirmações de diversos autores, sem um fio condutor capaz de guiar a caminhada do leitor através daquele labirinto. (A denominação “Saudades de Ariadne” talvez fosse mais apropriada). Nesses trabalhos, não se consegue vislumbrar um mínimo de planejamento ou sistematização do material revisto: os estudos e pesquisas são meramente arrolados sem qualquer elaboração comparativa ou crítica, o que frequentemente indica que o próprio autor se encontra tão perdido quanto seu leitor.

#### SUSPENSE

No tipo suspense, ao contrário do Patchwork, pode-se notar a existência de um roteiro; entretanto, como nos clássicos do gênero, alguns pontos da trama permanecem obscuros até o final. A dificuldade aí é saber onde o autor quer chegar, qual a ligação dos fatos expostos com o leitmotiv, ou seja, o tema do estudo. Em alguns casos, o mistério se esclarece nas páginas

finais. Frequentemente, porém, como nos maus romances policiais, o autor não consegue convencer. E em outros ainda, numa variante que poderíamos chamar de “cortina de fumaça”, tudo leva a crer que o estudo se encaminha numa direção e de repente se descobre que o foco é outro.

#### ROCOCÓ

Segundo o “Aurélio” (Novo Dicionário da Língua Portuguesa, I, ed, p. 1.253), o termo rococó designa o estilo ornamental surgido na França durante o reinado de Luís XIV (1710-1774) e caracterizado pelo excesso de curvas caprichosas e pela profusão de elementos decorativos.

Impossível não identificar a definição do mestre Aurélio com certos trabalhos acadêmicos nos quais conceituações teóricas rebuscadas (ou tratamentos metodológicas sofisticadas) constituem os “elementos decorativos” que tentam atribuir alguma elegância a dados irrelevantes.

#### CADERNO B

Texto leve que procura tratar mesmo os assuntos mais complexos, de modo ligeiro, sem aprofundamentos cansativos. A predileção por fontes secundárias, de preferência handbooks, onde o material já se encontra mais digerido, é uma constante, e as coleções do tipo “Primeiros Passos”, auxiliares preciosos.

#### COQUETEL TEÓRICO

Diz-se daquele estudo que, para atender à indisciplina dos dados, apela para todos os autores disponíveis. Nestes casos, Marx, Freud, Heidegger, Bachelard, Gramsci, Habermas, Bourdieu, Foucault, Morin, Lyotard e muitos outros podem unir forças na tentativa de explicar pontos obscuros.

#### APÊNDICE INÚTIL

Este é o tipo em que o pesquisador, após apresentar sua revisão de literatura, organizada em um ou mais capítulos a parte, aparentemente exaurido pelo esforço recusa-se a voltar ao assunto. Nenhuma das pesquisas, conceitualizações ou relações teóricas analisadas é utilizada na interpretação dos dados ou em qualquer outra parte do estudo. O fenômeno pode ocorrer com a revisão como um todo ou se restringir a apenas um de seus capítulos. Neste último caso, o mais freqüentemente acometido desse mal é o que se refere ao “Contexto Histórico”.

#### MONÁSTICO

Aqui parte-se do princípio de que o estilo dos trabalhos acadêmicos deve ser necessariamente pobre, mortificante, conduzindo, assim, o leitor ao cultivo das virtudes da disciplina e da tolerância. Os estudos desse tipo nunca têm menos de trezentas páginas e, à semelhança de sua fonte de inspiração estão destinados ao silêncio e ao isolamento.

#### CRONISTA SOCIAL

É aquele em que o autor dá sempre um “jeitinho” de citar quem está na moda, aqui ou no exterior. Esse tipo de revisão de literatura é o principal responsável pelo surgimento dos “autores curinga”, que se tornam referência obrigatória, seja qual for o tema estudado.

#### COLONIZADO VERSUS XENÓFOBO

Optamos aqui por apresentar esses dois tipos em conjunto, pois um é exatamente o reverso do outro, ambos igualmente inadequados. O colonizado é aquele que se baseia exclusivamente em autores estrangeiros, ignorando a produção científica nacional sobre o tema. O xenófobo, ao contrário, não admite citar literatura estrangeira, mesmo quando a produção nacional sobre o tema é insuficiente. Quando é indispensável recorrer a alguma formulação feita por autor estrangeiro, prefere o similar nacional, isto é, a fonte secundária, ou ainda, o que diz a mesma coisa sem citar a fonte original.

#### OFF THE RECORDS

Este termo, tomado do vocabulário jornalístico, refere-se àqueles casos, como o citado acima, em que o autor garante o anonimato às suas fontes. O anonimato é, frequentemente, garantido pela utilização de expressões como “sabe-se”, “tem sido observado”, muitos autores”, “vários estudos” e outras similares, impedindo seu leitor de avaliar a consistência das afirmações apresentadas, além de negar o crédito a quem o merece.

#### VENTRÍLOQUO

É o tipo de revisão na qual o autor só fala pela boca dos outros, quer os citando literalmente, quer parafraseando suas ideias. Em ambos os casos, a revisão torna-se uma sucessão monótona de afirmações, sem comparações entre elas, sem análises críticas, tomadas de posição ou resumos conclusivos. O estilo é facilmente reconhecível: os parágrafos se sucedem alternando expressões como “Paulo Fulano”, “Segundo Beltrano”, “Como Fulano Afirma”, “Beltrano Observa”, “Sicrano Pontua”, até esgotar os estoques de verbos.



## 3.5

# SUGESTÕES PARA ESCREVER OU REVISAR UM TEXTO ACADÊMICO

FIGURA 32: Imagem ilustra a questão da revisão de texto acadêmico



FONTE: NTE, 2017.

Para escrever um texto acadêmico devemos considerar alguns cuidados essenciais, segundo Rogério Lacaz-Ruiz (2017), são eles:

- » Perguntar-se: quem irá ler este texto? Em que condições? Coloque-se na posição do leitor.
- » Organizar um roteiro com as ideias e a ordem em que elas serão apresentadas. Para tanto deve-se estabelecer um plano lógico para o texto.
- » Utilizar sempre um dicionário e uma gramática e nas dúvidas consultá-los.
- » Escrever na ordem direta: sujeito + verbo + complemento.
- » As frases curtas e simples são recomendáveis e, portanto, abuse dos pontos. Prefira colocar ponto e iniciar nova frase a usar vírgulas. Se a informação não merece nova frase não é importante e pode ser eliminada.
- » Evitar orações intercaladas, parênteses e travessões.
- » Eliminar todas as palavras inúteis ou que acrescentam pouco ao conteúdo.
- » Evitar as partículas de subordinação, pois elas alongam as frases de forma cansativa e confusa. Pode-se usar, no máximo, uma por frase. Exemplos de partículas de subordinação: Que, Embora, Quando.
- » Ao usar adjetivos e advérbios, verificar se eles realmente são necessários.

- » Usar somente palavras precisas e específicas. Utilizar as mais simples, usuais e curtas.
- » Evitar repetições de toda a ordem. Não usar verbos, substantivos aumentativos, diminutivos e superlativos mais de uma vez num mesmo parágrafo.
- » Evite ecos (avaliação da produção) e cacófatos Exemplo: Dei um beijo na **boca dela** (ca + dela = cadela)
- » Utilizar preferencialmente frases afirmativas.
- » Evitar as frases escritas em voz passiva, mesmo que elas sejam utilizadas, frequentemente, em relatórios e trabalhos científicos.
- » Evitar palavras e frases longas, regionalismos, jargões, modismos, lugares comuns, abreviaturas sem a devida explicação.
- » Um parágrafo é uma unidade de pensamento. Sua primeira frase deve ser curta, enfática e, preferencialmente, conter a informação principal. As demais devem corroborar o conteúdo apresentado na primeira. A última frase deve seguir de ligação com o parágrafo seguinte. Pode conter a ideia principal se esta for uma conclusão das informações apresentadas nos períodos anteriores.
- » Observar a interligação entre os parágrafos, pois eles devem ter uma lógica que os ligue.
- » Ler o parágrafo várias vezes, o autor sugere cinco vezes, em que:
  - a) na primeira, checar se está tudo em forma direta e modificar se necessário;
  - b) na segunda, procurar repetições, ecos, cacófatos, orações intercaladas e partículas de subordinação – eliminá-los;
  - c) na terceira, cortar todas as palavras desnecessárias e eliminar todos os adjetivos e advérbios possíveis;
  - d) na quarta, procurar erros de grafia, digitação e erros gramaticais, tais como de regência e concordância;
  - e) na quinta, checar se as informações estão corretas e se realmente está escrito o que você pretendia escrever. Veja se você não está adivinhando, pelo contexto, o sentido de uma frase mal redigida.

Ruiz (2017) ainda sugere que após a correção de cada parágrafo, em separado, deve-se ler o texto **três vezes para se certificar que não há mais correções a fazer**. Para o autor é necessário:

**Na primeira leitura**, observar se o texto está organizado segundo um plano lógico de apresentação do conteúdo. Avaliar se a divisão em itens e subitens está bem estruturada; se os inter-títulos (título de cada tópico) são concisos e refletem o conteúdo das informações que os seguem. Havendo necessidade fazer uma nova divisão do texto ou trocar parágrafos entre os itens. Sempre analisando se a mensagem principal está bem entendida.

**Na segunda**, avaliar se os parágrafos se interligam entre si. Observar se não há repetições da mesma informação em pontos diferentes do texto, em períodos escritos de forma diversa, mas com significado semelhante. Eliminar todos os parágrafos que contenham informações irrelevantes ou fora do assunto do texto.

**Na terceira leitura**, checar todas as informações, sobretudo valores numéricos, datas, equações, símbolos, citações de tabelas e figuras, e as referências bibliográficas.

Ruiz (2017) ainda aponta outras dicas interessantes que devemos considerar:

#### **1. Deve-se escrever, também, do geral para o particular**

Para o autor, o leitor do nosso texto ainda não tem noção do que estará escrito; por isso, é importante que, ao transmitir a nossa ideia, procuremos ser claros e não deixemos raciocínios intermediários subentendidos, dificultando a leitura. O autor sugere que façamos uma experiência escrevendo um texto, deixando fluir toda nossa imaginação e capacidade e, após algum tempo, voltar a lê-lo. É surpreendente como nós mesmos não entendemos todo o texto, e nos questionamos sobre algumas frases ou até mesmo parágrafos inteiros. Naturalmente, o número de palavras que usamos não está diretamente relacionada com a clareza. A ideia de que escrever muito é sinal de texto claro nem sempre é verdadeira.

#### **2. E também do antecedente para o conseqüente**

Procurar sempre relatar os acontecimentos e ideias do fato mais antigo para o mais recente. Isso garante uma maior atenção do leitor, pois facilita a compreensão do texto.

#### **3. Usar a palavra correta**

As palavras têm o seu significado original e é interessante verificá-lo, pois, às vezes nos surpreendemos utilizando-as em um contexto em que elas perdem o seu sentido e dificultam o entendimento de quem lê o texto.

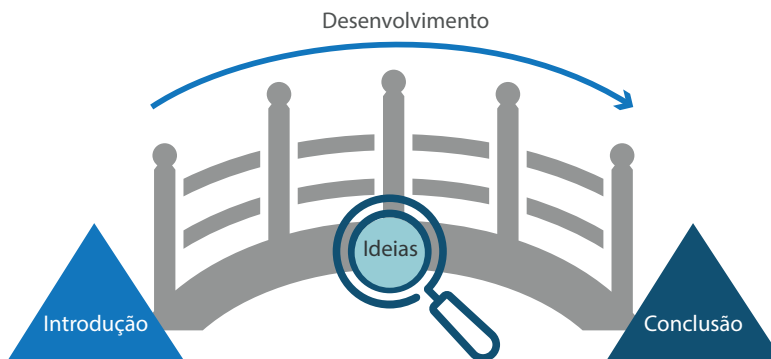
#### **4. É importante o uso de parágrafos de transição**

O parágrafo de transição é aquele que tem a função de fazer a ligação entre um capítulo e outro. Ele auxilia o leitor a entender o novo tema que se irá abordar no próximo capítulo. Ele pode ser utilizado no final ou no início do capítulo.

## 3.6

# REDAÇÃO DA INTRODUÇÃO, DESENVOLVIMENTO E CONCLUSÃO EM TRABALHOS ACADÊMICOS

FIGURA 33: Imagem ilustra a questão da introdução, desenvolvimento e conclusão em trabalhos acadêmicos.



FONTE: NTE, 2017.

Nesta subunidade, vamos estudar a estrutura do texto que iremos elaborar, ou seja, como redigir a introdução, o desenvolvimento e a conclusão de um texto acadêmico. Com essas informações escrever um texto, deixará de ser um "bicho de sete cabeças".

### Introdução

A introdução tem como função contextualizar o leitor em relação ao assunto e ao tema estudado. É neste ponto que atraímos os prováveis leitores para ler o texto completo. Inclui justificativa, objetivos, hipóteses e a formulação do problema de pesquisa estudado. Na Educação e nas Ciências Humanas já é consenso o uso da primeira pessoa do singular e do plural.

Ela deve dar uma visão preliminar do assunto que será o objeto da pesquisa. Expõe o que já foi escrito sobre o tema, destacando a relevância e o interesse da pesquisa desenvolvida. Deve esclarecer as intenções do autor, enunciar o problema, sua hipótese e o desenvolvimento de raciocínio que será adotado.

Na introdução devem constar os seguintes itens:

- a) apresentar o tema geral do trabalho, introduzindo breve revisão bibliográfica;
- b) definir sucinta e objetivamente o assunto abordado;
- c) delimitar os pontos que serão abordados no trabalho;
- d) indicar o problema de pesquisa;
- e) apontar os objetivos (geral e específicos) da pesquisa;
- f) apresentar a justificativa e relacionar a relevância do trabalho e sua relação com outros da mesma área;
- g) apresentar a organização do estudo.

## **Desenvolvimento**

Segundo Garcia (2010), o desenvolvimento é constituído por métodos, resultados e discussão.

### ***Método***

Processos adotados na apuração e análise dos fatos e a descrição ou exposição narrativa da experiência ou pesquisa e a aparelhagem e material empregados. É a descrição do processo. (Exemplo = “O método adotado consistiu em...”)

### ***Resultados***

Exposição daquilo que se apurou, se observou e que vai a seguir ser analisado e discutido. Os resultados devem ser organizados em categorias e cada categoria será um capítulo.

### ***Discussão***

É a interpretação dos resultados, a indicação de sua importância, dos seus corolários e consequências. O estilo da escrita é essencialmente argumentativo: trata-se de provar e comprovar com os fatos apurados, com a análise e interpretação deles, no sentido de convencer o leitor da consistência e validade da tese defendida pelo autor. (Exemplo = “O principal interesse (significação, importância) dessas experiências (pesquisas, sondagens, levantamento) reside no fato de que...”)

Em algumas áreas do conhecimento a metodologia é reduzida a material e métodos nos quais encontramos apenas uma descrição detalhada dos procedimentos de pesquisa e o material utilizado. Porém, em Educação e nas Ciências Humanas, o pesquisador discorre sobre a sua própria compreensão sobre a abordagem da metodologia. Dessa forma, a metodologia da pesquisa deve apresentar: reflexão teórica sobre a metodologia da pesquisa; descrição detalhada de todos os procedimentos de pesquisa usadas no trabalho: quantas entrevistas, público, local, duração, procedimentos de análise dos dados, etc. A metodologia também pode ser apresentada na introdução.

## **Conclusão**

Para fazer uma conclusão que realmente ofereça a ideia de fechamento do trabalho científico, Tozoni-Reis (2009) indica que devemos apresentar o eixo fundamental das descobertas empreendidas.

Para a autora, todo o trabalho do pesquisador deverá ser apresentado de modo que os resultados e análises sejam apontados na conclusão, destacando a importância da pesquisa realizada para a produção do conhecimento pretendido. Dessa forma, a autora aponta dicas de como redigir a conclusão:

» Fazer uma síntese dos dados, da análise e interpretação, apresentando, resumidamente, todo o trabalho, principalmente o corpo do trabalho, isto é, os resultados (dados coletados) e a discussão (interpretação dos autores e interpretação própria).

» Fazer uma reflexão a título de conclusão, sobre o resultado final, destacando a essência dos estudos. Para tanto, pode-se iniciar esse final da conclusão com a rerepresentação dos objetivos do estudo, indicando o quanto e como foram alcançados.

No caso dos trabalhos de conclusão, pode-se encerrar a conclusão com uma reflexão da importância da pesquisa para sua formação profissional, ou seja, o que foi aprendido durante o desenvolvimento do estudo e a relação dele com a formação em curso.

Segundo Garcia (2010), em alguns trabalhos, a conclusão inclui, às vezes, uma espécie de previsão ou profecia a respeito do resultado de futuras pesquisas ou estudos decorrentes de fatos novos – exemplo: “Estudos posteriores mostrarão ou provarão que...”).

O conto a seguir mostra de maneira divertida como é elaborada a introdução, o desenvolvimento e a conclusão de um texto.

## A festa no céu

(Christiane Angelotti – adaptação do conto de Luís da Câmara Cascudo)

Fonte: <http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=13>

Entre os bichos da floresta, espalhou-se a notícia de que haveria uma festa no Céu. Porém, só foram convidados os animais que voam. As aves ficaram animadíssimas com a notícia, começaram a falar da festa por todos os cantos da floresta. Aproveitavam para provocar inveja nos outros animais, que não podiam voar. Um sapo muito malandro, que vivia no brejo, lá no meio da floresta, ficou com muita vontade de participar do evento. Resolveu que iria de qualquer jeito, e saiu espalhando para todos, que também fora convidado. Os animais que ouviam o sapo contar vantagem, que também havia sido convidado para a festa no céu, riem dele. Imaginem o sapo, pesadão, não aguentava nem correr, que diria voar até a tal festa! Durante muitos dias, o pobre sapinho, virou motivo de gozação de toda a floresta. Tira essa ideia da cabeça, amigo sapo. – dizia o esquilo, descendo da árvore. - Bichos como nós, que não voam, não têm chances de aparecer na Festa no Céu. Eu vou sim - dizia o sapo muito esperançoso. - Ainda não sei como, mas irei. Não é justo fazerem uma festa dessas e excluírem a maioria dos animais. Depois de muito pensar, o sapo formulou um plano. Horas antes da festa, procurou o urubu. Conversaram muito, e se divertiram com as piadas que o sapo contava. Já quase de noite, o sapo se despediu do amigo: – Bom, meu caro urubu, vou indo para o meu descanso, afinal, mais tarde preciso estar bem disposto e animado para curtir a festa. Você vai mesmo, amigo sapo? - perguntou o urubu, meio desconfiado. Claro, não perderia essa festa por nada. - disse o sapo já em retirada. Até amanhã! Porém, em vez de sair, o sapo deu uma volta, pulou a janela da casa do urubu e vendo a viola dele em cima da cama, resolveu esconder-se dentro dela. Chegada a hora da festa, o urubu pegou a sua viola, amarrou-a em seu pescoço e voou em direção ao céu. Ao chegar ao céu, o urubu deixou sua viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo aproveitou para espiar e, vendo que estava sozinho, deu um

pulo e saltou da viola, todo contente. As aves ficaram muito surpresas ao verem o sapo dançando e pulando no céu. Todos queriam saber como ele havia chegado lá, mas o sapo esquivando-se mudava de conversa e ia se divertir. Estava quase amanhecendo, quando o sapo resolveu que era hora de se preparar para a "carona" com o urubu. Saiu sem que ninguém percebesse, e entrou na viola do urubu, que estava encostada num cantinho do salão. O sol já estava surgindo, quando a festa acabou e os convidados foram voando, cada um para o seu destino. O urubu pegou a sua viola e voou em direção à floresta. Voava tranquilo, quando no meio do caminho sentiu algo se mexer dentro da viola. Espiou dentro do instrumento e avistou o sapo dormindo, todo encolhido, parecia uma bola. - Ah! Que sapo folgado! Foi assim que você foi à festa no Céu? Sem pedir, sem avisar e ainda me fez de bobo! E lá do alto, ele virou sua viola até que o sapo despencou direto para o chão. A queda foi impressionante. O sapo caiu em cima das pedras do leito de um rio, e mais impressionante ainda foi que ele não morreu. Nossa Senhora viu o que aconteceu e salvou o bichinho. Mas nas suas costas ficou a marca da queda; uma porção de remendos. É por isso que os sapos possuem uns desenhos estranhos nas costas, é uma homenagem de Deus a este sapinho atrevido, mas de bom coração.

## 3.7

# TIPOS DE TEXTOS ACADÊMICOS

Nesta subunidade, iremos trabalhar sobre os diversos tipos de textos acadêmicos, suas características, momento de apresentação, sua utilização e a forma de redação de cada um deles.

## Resumo

FIGURA 34: Imagem ilustra a questão dos resumos e textos acadêmicos.



FONTE: NTE, 2017.

A NBR 6028 (2003, p. 1) define resumo como "apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto". Ou seja, se configura em uma breve apresentação dos pontos mais importantes do texto. O resumo é um convite a leitura de um texto, se bem redigido ele motiva o leitor a continuar lendo, portanto deve dar uma ideia sobre o objetivo que se pretende alcançar, a metodologia empregada para alcançar esses objetivos e os resultados mais importantes e conclusão do trabalho. Ele apresenta esses elementos de uma forma concisa.

A Norma ainda sugere que o resumo contenha no máximo 100 palavras se for notas e comunicações breves. No caso de monografias e artigos pode-se utilizar 250 palavras. Já relatórios e teses podem ter até 500 palavras.

O estilo da escrita deve contar com frases concisas e de forma corrida, sem o uso de tópicos. Deve-se sempre utilizar a terceira pessoa do singular e com verbos na voz ativa, salvo alguma norma e/ou critérios estabelecidos pelo destinatário do resumo.

O resumo também deve ter palavras chaves, ou seja, palavras que falam da essência do trabalho. Em monografias, dissertações e teses, utiliza-se também o resumo em língua estrangeira (geralmente em inglês, chamado abstract), também seguido de palavras-chave (keywords).

De acordo com Garcia (2012) para que se cumpra o papel de um bom resumo é importante que se realize algumas ações:

- a) ler todo o texto na íntegra, sem interrupções;



b) reler, uma ou mais vezes, parágrafo por parágrafo, sublinhando frases ou palavras que ajudem a identificar as ideias principais;

c) fazer uma síntese de cada parágrafo, eliminando expressões desnecessárias para a compreensão global; empregue suas próprias palavras. Nessa leitura, procure compreender o sentido de frases mais longas ou complexas ou que apresentem inversões e permaneça atento à relação entre as frases, às locuções adverbiais, como: em consequência, em primeiro lugar, etc., e aos elementos relacionais, isto é, aqueles que estabelecem conexões entre as ideias, como: todavia, já que, embora, etc.

d) ler todos os parágrafos resumidos, para dar uma estrutura adequada ao resumo.

Para resumir livros, a autora, sugere, ainda, outras recomendações:

a) ler todo o livro e, já nessa leitura, destacar, em cada capítulo, informações sobre tempo, lugar, nomes e características das personagens;

b) reler cada capítulo e fazer anotações dos fatos mais significativos;

c) elaborar um resumo geral, agrupando todas as informações de modo claro e coeso;

d) não usar diálogo, descrições detalhadas, cenas e personagens secundárias. Somente as personagens, os ambientes e as ações mais relevantes devem ser registrados.

## Resenha

FIGURA 35: Imagem ilustra a questão da resenha crítica.



FONTE: NTE, 2017.

A resenha é uma apresentação do resumo de um texto juntamente com a crítica da obra. Segundo Marconi e Lakatos (1996):

Resenha crítica é a apresentação do conteúdo de uma obra. Consiste na leitura, no resumo e na crítica, formulando, o resenhista, um conceito sobre o valor do livro. [...] A resenha, em

geral, é feita por cientistas que, além do conhecimento sobre o assunto, têm capacidade de juízo crítico. Também pode ser feita por estudantes; neste caso, como um exercício de compreensão e crítica. Para iniciar-se nesse tipo de trabalho, a maneira mais prática seria começar por resenhas de capítulos (MARCONI; LAKATOS, 1996, p. 211).

Para a elaboração de uma resenha pode-se seguir as sugestões propostas por Garcia (2012). Os autores sugerem que devemos:

- a) indicar a referência da obra, ou seja, comentar sobre o livro ou capítulo do livro que está sendo resenhado;
- b) comentar sobre a vida do autor, ou seja, sua formação, titulação, vida acadêmica, outras obras escritas, etc.;
- c) resumir os tópicos principais, ou seja, apresentar as ideias principais da obra;
- d) analisar a obra de forma crítica, ou seja, o resenhista dialoga com o autor e avalia o texto (quanto ao conteúdo, quanto à coerência de seus objetivos ou contextualiza as afirmações do autor, dentro do universo histórico ou intelectual);
- e) outras informações devem ser acrescentadas à resenha, se solicitadas ao estudante ou resenhista.

### **Outras definições de Resenha:**

A resenha é um gênero textual em forma de síntese que deve expressar a opinião do resenhista sobre determinado assunto, fato ou tema que podem ser encontrados em livros, exposições, shows, etc.

Como uma síntese, a resenha deve ir direto ao ponto, mesclando momentos de pura descrição com momentos de crítica direta. O resenhista que conseguir equilibrar perfeitamente esses dois pontos terá escrito a resenha ideal.

No entanto, sendo um gênero necessariamente breve, é perigoso recorrermos ao erro de sermos superficiais demais. Nosso texto precisa mostrar ao leitor as principais características do fato cultural, sejam elas boas ou ruins, mas sem esquecer de argumentar, em determinados pontos, e nunca usar expressões como “Eu gostei” ou “Eu não gostei”.

### **Tipos de Resenha**

As resenhas, de acordo com a sua estrutura, podem apresentar algumas divisões. A mais conhecida delas é a resenha acadêmica, que apresenta estrutura rígida e segue a padronização dos textos científicos.

A resenha acadêmica se subdivide em resenha crítica, resenha descritiva e resenha temática.

## **Resenha acadêmica crítica: passos para a sua elaboração:**

André Gazola (2017) descreve alguns passos para facilitar a elaboração de uma resenha acadêmica do tipo crítica, são eles:

1. Identifique a obra: coloque os dados bibliográficos essenciais do livro ou artigo que você vai escrever;
2. Apresente a obra: situe o leitor descrevendo em poucas linhas todo o conteúdo do texto a ser resenhado;
3. Descreva a estrutura: fale sobre a divisão em capítulos, em seções, sobre o foco narrativo ou até, de forma sutil, o número de páginas do texto completo;
4. Descreva o conteúdo: aqui sim, utilize de 3 a 5 parágrafos para resumir claramente o texto resenhado;
5. Analise de forma crítica: Nessa parte, e apenas nessa parte, você vai dar sua opinião. Argumente baseando-se em teorias de outros autores, fazendo comparações ou até mesmo utilizando-se de explicações que foram dadas em aula. É difícil encontrarmos resenhas que utilizam mais de três parágrafos para isso, porém não há um limite estabelecido. Dê asas ao seu senso crítico.
6. Recomende a obra: você já leu, já resumiu e já deu sua opinião, agora é hora de analisar para quem o texto realmente é útil (se for útil para alguém). Utilize elementos sociais ou pedagógicos, baseie-se na idade, na escolaridade, na renda, etc.
7. Identifique o autor: Cuidado! Aqui você fala quem é o autor da obra que foi resenhada e não do autor da resenha (no caso, você). Fale brevemente da vida e de algumas outras obras do escritor ou pesquisador.
8. Assine e identifique-se: Agora sim. No último parágrafo você escreve seu nome e fala algo como acadêmico.

**Resenha acadêmica descritiva:** Neste tipo coloca-se a nossa opinião sem fazer crítica, pois ela apenas descreve os fatos, temas e assuntos.

**Resenha Temática:** Este tipo de resenha se refere a vários textos que tenham um assunto ou tema em comum.

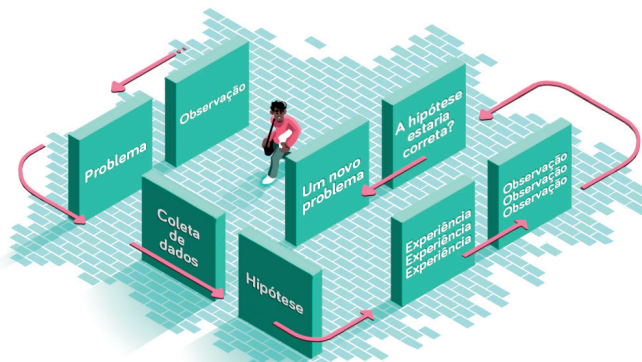
## **Sugestões de passos para escrever uma resenha temática:**

1. Apresentar ao leitor o assunto principal, ou seja, a essência dos textos que serão trabalhados. Mostre também o motivo pelo qual escolheu esse assunto.

2. Resumir os textos pesquisados, utilizando um parágrafo para cada um deles. Iniciar dizendo quem é o autor e o que ele fala sobre o assunto.
3. Concluir opinando sobre o assunto e fazendo um fechamento do tema tratado.
4. Como em todo o texto acadêmico, registrar as fontes, as referências bibliográficas e indicação de fontes de pesquisa.
5. Assinar e identificar-se.

## Monografia ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

FIGURA 36: Imagem ilustra alguns passos para a elaboração de uma pesquisa.



FONTE: NTE, 2017.

De acordo com a NBR 14724 (2005), monografias, dissertações e teses são documentos que representam o resultado de uma pesquisa. Nestes tipos de textos deve-se expressar o conhecimento alcançado após estudo aprofundado.

São usados nos níveis de graduação e pós-graduação, sob a orientação de um professor e são elaborados de acordo com a finalidade e função a que se destinam. São considerados monografia: trabalhos de conclusão de curso (TCCs), trabalho de graduação interdisciplinar (TGI), trabalho de conclusão de curso de especialização e/ou aperfeiçoamento e outros.

O texto é realizado em seções para facilitar o entendimento e os elementos que devem constar são introdução, desenvolvimento e conclusão, além de anexos, caso haja necessidade.

## Dissertação

Uma dissertação é um texto que se caracteriza pela defesa de uma ideia, de um ponto de vista, ou pelo questionamento acerca de um determinado assunto. “Representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com objetivo de reunir, analisar e interpretar informações” (NBR 14724, 2005, p. 2). Normalmente

é utilizada como trabalho final de um Curso *stricto sensu* de Mestrado que busca relatar a pesquisa desenvolvida durante o período.

## Tese

A tese consiste no relato de uma pesquisa necessária para a obtenção do grau de doutor resultante de um curso de Doutorado, *stricto sensu*. A tese deve ser “resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado” (NBR 14724, 2005). Também deve revelar a capacidade de seu autor incrementar a área de conhecimento que foi alvo de seus estudos, fornecer uma descoberta ou contribuição para a ciência e se pressupõe um trabalho original. A tese deve trazer uma discussão acompanhada de argumentação consistente que culmina na descoberta de soluções para as questões postas no início da pesquisa.

## 3.8

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E CITAÇÕES NO TEXTO ACADÊMICO

Estamos na nossa última subunidade e aqui iremos aprender sobre as referências no texto acadêmico e um trabalho original. A tese deve trazer uma discussão acompanhada de argumentação conforme ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Em nossa instituição, temos a MDT (Manual de Dissertações e Teses) e, portanto, para todo texto elaborado para fins de apreciação nos limites da UFSM, a MDT deve ser consultada e utilizada.

### Referências bibliográficas

É a lista completa, particularizada e sistemática das fontes usadas diretamente na elaboração do trabalho e citadas no decorrer dele. Denomina a lista da documentação existente sobre determinado assunto.

- » Todos os autores citados ou aos quais se fez referência durante o texto precisam estar apresentados nas referências bibliográficas.
- » Observar rigorosamente as normas de referências bibliográficas.

### Apêndices

Eles podem apresentar os questionários enviados, o roteiro das entrevistas, fotos da realidade pesquisada, trabalhos escritos pelos alunos, desenhos dos sujeitos da pesquisa, gravura dos jogos estudados, manuais de utilização de jogos educativos, descrição detalhada de brincadeiras infantis, letras de músicas cantadas pelas crianças, etc. No entanto, é preciso cuidar para que esses apêndices tenham sentido no trabalho, isto é, que eles realmente ajudem a compreender a realidade pesquisada. Atenção: pode-se também colocar essas ilustrações no corpo do trabalho, dá mais trabalho, mas fica muito melhor. Se optar pela apresentação no corpo do trabalho, atenção ao lugar onde ela deverá aparecer, sempre muito perto do que se refere ao texto.

### Índice e Sumário

O sumário é um elemento pré-textual e é definido pela ABNT como a enumeração das principais divisões, seções e demais partes do trabalho, na mesma ordem e grafia em que aparecem no texto. Na estrutura de um texto resultante de um estudo e/ou pesquisa, o sumário se situa no início, antes da Introdução, e a sua presença é obrigatória.

Já o índice é um elemento pós-textual. É a lista de palavras ou frases que são ordenadas segundo um determinado critério, com indicação de sua localização no texto. Ele situa-se no final do trabalho e sua presença é opcional.

De acordo com a ABNT, o índice pode ser de vários tipos, de acordo com o critério utilizado para ordenar as informações. Os principais tipos são:

1. Índice onomástico – organiza em ordem alfabética os autores, os personagens ou as autoridades citadas ao longo do texto.
2. Índice cronológico – agrupa nomes e fatos importantes do texto em ordem cronológica de anos, períodos ou épocas.
3. Índice remissivo – organiza em ordem alfabética os assuntos tratados no texto.

Ainda poderão ser encontrados os índices etimológicos, analíticos, sistemáticos e geral, dependendo da necessidade de ordenar as informações de uma obra.

Pode-se utilizar um ou mais índices de acordo com a necessidade e extensão do texto, seja ele de qualquer tipo, pois ele tem a função de facilitar ao leitor a localização de pontos dos quais os leitores tem interesse.

### **Citações em um Texto Acadêmico**

As citações devem ser feitas sempre que escrevemos um texto apoiados em pesquisas anteriores. Isso demanda certo cuidado e devem ser seguidas algumas regras que são oficiais.

A norma brasileira para elaboração de citações é a NBR 10520 e tem como objetivo apresentar as características oficiais para a criação de citações em todo o tipo documento, nos quais o emprego das Normas da ABNT seja necessário. No caso de textos acadêmicos elaborados no âmbito da nossa Universidade, deve-se seguir as normas da MDT (Manual de Dissertações e Teses).

Em todo o tipo de trabalho ou projeto, acabamos sempre copiando parte do conhecimento de outras pessoas, pois elas nos servem de base e subsídios para desenvolver nosso pensamento e elas devem ser usadas; porém, existem regras para isso. Copiar sem citar o autor é deselegante e causa grandes transtornos, pois o autor poderá processar o copiadador por plágio.

### **Tipos e regras de citação**

Existem três tipos de citação, além das notas de referência e de rodapé: citação direta, citação indireta e citação de citação.

#### **Citação Direta**

De acordo com a ABNT a citação direta é a transcrição textual literal de parte de um conteúdo de uma obra. Quando necessitamos reescrever o que o autor consultado fala sobre o assunto, precisamos dar o “crédito” a ele, citando seu nome e a obra de onde foi retirado tal pensamento.

É a exata de uma frase/parágrafo de um texto e deve ser apresentada entre aspas duplas, podendo assumir duas formas de acordo com Xavier (2008):

1. Citando e referenciando: a chamada pelo nome do autor, quando feita no final da citação, deve apresentar-se entre parênteses, contendo o sobrenome do autor em letra maiúscula, seguido pelo ano de publicação e página em que o texto se encontra.

Exemplo: “A educação deverá considerar aprendizagens que estão estreitamente relacionadas com uma perspectiva crítica, que problematize e questione a realidade e nossa intervenção nela (...)” (GARCIA, 1998, p. 94).

2. Referenciando e citando: a citação a seguir foi feita como sendo um parágrafo do texto. O sobrenome do autor deve ser digitado normalmente, com a primeira letra em maiúscula e as demais em minúsculo, seguido do ano e página em que o texto se encontra, sendo estas informações apresentadas entre parênteses.

Exemplo: De acordo com Almeida (1998, p. 22), “A noção de sustentabilidade, tomada como ponto de partida para uma reinterpretação dos processos sociais e econômicos e de suas relações com o equilíbrio dos ecossistemas demanda um aparato conceitual capaz de dar conta de seus múltiplos aspectos”.

### **Citação direta com mais de três linhas**

Xavier (2017) nos aponta que de acordo com a ABNT, as citações com mais de três linhas devem ter destaque do texto e reduzido o tamanho da fonte. Se o texto estiver sendo escrito em tamanho 12, a citação deve ser reduzida para 10 ou 11. Usa-se um recuo da margem, utilizando-se a régua. o recuo deve ser de 4 centímetros além da margem, tendo a seguinte apresentação:

Os esforços por reformular o currículo no bojo de crises e de agudas mudanças e influências, tende-se a valorizar mais uma educação voltada para atender os supostos interesses nacionais e internacionais (nem sempre muito explicitados) que uma educação voltada para de fato beneficiar os estudantes (MOREIRA, 2005, p. 5).

### **Frase muito grande para citação**

De acordo com a ABNT, as citações de um parágrafo (como um de 10 linhas) e cuja citação é de apenas a primeira e quarta linha, por exemplo, a supressão das outras devem ser indicadas com um sinal de colchetes com reticências [...], indicando que um trecho do texto não foi transcrito.

Exemplo: “As propostas de melhorias de processo e tecnologia são coletadas e analisadas [...] com base nos resultados de projetos-piloto” (KOSCIANSKI; SOARES, 2007, p. 153).



## Citação indireta

A citação indireta é usada quando seguimos a ideia do autor, mas com as nossas palavras, pois nosso texto tem como base uma obra consultada. Seguindo o mesmo formato de apresentação da citação direta, a indireta também deve conter o autor da frase citada, bem como o ano da publicação do artigo/livro. Apresentar a página em que o conteúdo se encontra é opcional.

Moreira (2005) nos move a situar as reflexões sobre a universidade e o currículo do ensino superior nesse contexto de rápidas transformações. Segundo o autor, essas transformações ainda nos são incompreensíveis; porém, são sentidas por nós e provocadas pelo fenômeno da globalização. As citações indiretas podem ter mais de um autor, até pelo fato de que você pode ter consultado várias obras até chegar a sua conclusão, veja:

Exemplo desse tipo de citação: Esse contraste entre formação profissional e atuação na sociedade é uma preocupação constante dos professores universitários, evidenciado fortemente pela denúncia sistemática do mundo do trabalho sobre a inadequação da formação. Essa é uma preocupação legítima, pois há um distanciamento entre a realidade e as instituições educacionais que está sendo denunciado por autores como Santomé (1998), Schön (2000, 2002), Boaventura Santos (1997), entre outros.

## Citação de Citação

Usamos a citação de citação quando há livros que não estão disponíveis e, portanto, são de difícil acesso no seu formato original e os seus escritos só estão disponíveis por meio de outro autor, que, por sua vez, fez uma citação extremamente importante para o nosso trabalho.

Podemos também fazer uma citação de um conteúdo que foi citado na obra que estamos consultando. Este tipo de citação só deve ser usado raramente, pois o correto é utilizar a fonte original.

Para se fazer citação de citação no modelo direto, temos como exemplo:

Segundo Flickinger (1997) citado por Nadja Hermann (2010, p. 84) “o olhar distante do teórico, não envolvido na dinâmica do processo vivido pelos atores, consegue registrar, explicar e ampliar o conhecimento dos fatos visíveis, submetendo-os à lógica das leis causais como base da reconstrução, ou melhor, da apropriação de um mundo externo, objetivo”.

A citação de citação no modelo indireto pode ser assim redigida:

Segundo Flickinger (1997) citado por Hermann (2010, p. 84) ao ampliar o conhecimento dos fatos visíveis, aquele que se apropria do mundo objetivo, há que se ter o olhar distante do teórico.

## **Notas de rodapé**

As notas de rodapé são apresentadas no final da citação e na sequência do corpo do trabalho. Podemos utilizar as notas nas seguintes situações, segundo Xavier (2008):

- » Um estudo que ainda não tenha sido concluído e usamos a nota de rodapé para indicar que está em fase de elaboração.
- » Informações que foram obtidas em conversas, palestras – para tanto, deve ser registrado entre parênteses como uma informação verbal.
- » Detalhes que sejam necessários apontar para uma melhor compreensão do trabalho

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

**E**studar a Língua Portuguesa é essencial em termos de dominar habilidades diversas e situações de leitura e escrita. Ler, falar e escrever são inspirações valiosas. Uma das motivações é o amor por si mesmo e pela vida, que pode ser expresso como incentivo aos outros, ao transformar suas emoções em textos. A sensação de segurar um livro, sentir o seu cheiro, sua textura, tudo proporciona uma leitura entre as páginas. É fundamental, também, para a reflexão sobre aspectos gramaticais linguísticos e ao hábito de identificação de contextos alusivos à produção e à circulação dos gêneros textuais, bem como à redação de textos acadêmicos. Nesse cenário, ao visar o encanto pela linguagem e a redescoberta da língua a cada dia, é proposto o desenvolvimento de três unidades.

A primeira unidade “Desenvolvimento da competência relativa à descrição e análise dos esquemas funcionais das sentenças” traz uma compreensão sobre o significado da leitura, dos termos essenciais da oração e o reconhecimento dos marcadores conversacionais. Logo a seguir, propõe-se o conhecimento teórico da linguagem, da língua e da fala, a articulação do texto de acordo com os elementos estruturais que o constitui, assim como o estudo sobre as estruturas de coordenação e subordinação. Estas são fundamentais para a redação, pois é a conjunção, com sua polissemia de significados, que oferece a direção argumentativa referente ao texto.

A segunda unidade “Fonologia e ortografia” proporciona ao estudante a percepção sobre o que aprenderam em estudos anteriores e o que precisa rever sobre a conceituação da fonologia e algumas dificuldades sobre a grafia de algumas palavras. Esta unidade também apresenta questões sobre o uso do hífen, bem como uma síntese sobre a acentuação gráfica e casos especiais do uso da crase. Muitas vezes, sabe-se o conteúdo, mas a ansiedade e a falta de conhecimento sobre a fonologia e a ortografia dificultam a redação e a mesma torna-se um tabu. Em busca de sanar esses desafios, sugere-se a organização de uma agenda com as sínteses aqui disponibilizadas de acordo com as normas ortográficas em vigor.

A terceira unidade “Produção de textos de forma autônoma” propõe tópicos para o estudante ter a oportunidade de retomar e consolidar seus estudos sobre como promover habilidades relativas ao processo de comunicação no que tange ao domínio da estrutura das frases, à sintaxe e à comunicação. Além disso, esta unidade busca auxiliar no reconhecimento dos níveis de Língua Portuguesa, bem como a desenvolver com prazer o conhecimento e a prática da coesão e coerência textuais e a redação do texto acadêmico. Escrever é uma arte. Uma inspiração valiosa. Para tanto, indicam-se sugestões para escrever ou revisar um texto, a redação da introdução, desenvolvimento e conclusão de textos acadêmicos e orientações sobre como escrever uma resenha, trabalho de conclusão de curso (TCC), dissertação e tese. Nesse contexto, busca-se desenvolver a análise dos esquemas funcionais da Língua Portuguesa e auxiliar o desenvolvimento da produção de textos de forma crítica e autônoma, efetivando, assim, um importante recurso didático e o cumprimento dos objetivos previstos na Disciplina de Língua Portuguesa do Curso de Ciências da Religião.

# REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6028: Informação e documentação – resumo - apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003. Disponível em: <[http://www.bm.edu.br/wp-content/uploads/2012/02/normas\\_resumo.pdf](http://www.bm.edu.br/wp-content/uploads/2012/02/normas_resumo.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2017

BANDEIRA, M. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1982.

BARTHES, R. **O Prazer do Texto**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. **A Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002.

BORGATTO, A. M. **Projeto Teláris: Português**. São Paulo: Ática, 2016.

CHALHUB, S. **Funções da Linguagem**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FONTINI, A. **Elementos do Texto**. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/bc/fontini/resenha.html>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

GARCIA, S. L. A. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Camaquã: Fundasul, 2012. Disponível em: <[http://www.fundasul.br/download/manual\\_para\\_elaboracao\\_de\\_trabalhos\\_academicos\\_2012.pdf](http://www.fundasul.br/download/manual_para_elaboracao_de_trabalhos_academicos_2012.pdf)>. Acesso em: 5 jul. 2017.

GAZOLA, A. **Como escrever uma resenha crítica**. Disponível em: <<http://www.lendo.org/como-fazer-uma-resenha/>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

LACAZ-RUIZ, R. **Notas e reflexões sobre redação científica**. 2017. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/5112525/lacaz-ruiz-notas-e-reflexoes-sobre-a-redacao-cientifica>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

LISPECTOR, C. **Escuta**. A Casa das Letras. Rio de Janeiro: Rco, 1993.

LISPECTOR, C. **Perto do Coração Selvagem**, Rio de Janeiro: Rco, 1998.

LOBO, I.; C. M. **Col. Educadores – Fundaj**. Recife: Massanga, 2010

MARCONI, M. DE. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, D. S. **Português Instrumental**. Porto Alegre: Graphé, 1976.

MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

MOURA, E. M. de. **Entre Mito e Racionalidade Docente: uma compreensão da relação pedagógica na figura de Eco e Narciso**. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

TERRA, E. **Minigramática de Língua Portuguesa**. 11. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

TORELY, A. **Imprensa Oficial de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2003.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/3642596/livro-metodologia-da-pesquisa-cientifica-tozoni-reis>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

XAVIER, A. **Aprenda a usar as normas da ABNT: citação**. 2008. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/tutorial/834-aprenda-a-usar-as-normas-da-abnt-citacao-2-de-4-.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

# ATIVIDADES DE REFLEXÃO OU FIXAÇÃO

Esta seção propõe um grupo de atividades dos assuntos apresentados neste material.  
Segue a lista de exercícios:

## UNIDADE I

### Atividade 1

1. Escreva nos parênteses:

A – oração coordenada, aditiva

AD – oração coordenada, adversativa

AL – oração coordenada, alternativa

C - oração coordenada, conclusiva

E - oração coordenada, explicativa

A. ( ) Sê honesto, pois disso não te arrependerás.

B. ( ) Eu penso, logo existo.

C. ( ) Ora faz frio, ora faz calor.

D. ( ) Trabalhou muito, porém viveu pobre.

E. ( ) Ana frequenta aulas de música e dança.

2. Escreva nos parênteses:

CA - oração subordinada, causal

CO- oração subordinada, comparativa

CON – oração subordinada, consecutiva

CONC- oração subordinada, concessiva

COND- oração subordinada, condicional

CONF- oração subordinada, conformativa

F – oração subordinada, final

P – oração subordinada, proporcional

T – oração subordinada, temporal

A. ( ) À medida que estudava, aprendia.

B. ( ) Não saíste porque estava chovendo.

C. ( ) Embora chova, ele virá.

D. ( ) Pedro é mais estudioso do que Paulo.

E. ( ) Tamanho foi seu esforço, que conseguiu vencer.

F. ( ) Se não chover, vamos jantar fora.

G. ( ) Avisei-te para que não te assustasse.

H. ( ) Ela executou o trabalho, conforme havia pensado.

I. ( ) Enquanto chover, não sairei.

## UNIDADE 2

### Atividade 1

Escreva o número de letras e de fonemas:

**Caderno** ..... letras  
..... fonemas

**Taxi** ..... letras  
..... fonemas

**Havia** ..... letras  
..... fonemas

**Chave** ..... letras  
..... fonemas

**Cancelar** ..... letras  
..... fonemas

### Atividade 2

Escrever C para dígrafo consonantal e V para dígrafo vocálico.

- |                                     |                                    |
|-------------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> chuva      | <input type="checkbox"/> santo     |
| <input type="checkbox"/> fundação   | <input type="checkbox"/> queijo    |
| <input type="checkbox"/> carreteiro | <input type="checkbox"/> carrinho  |
| <input type="checkbox"/> rampa      | <input type="checkbox"/> sombrinha |
| <input type="checkbox"/> amendoim   | <input type="checkbox"/> querência |

### Atividade 3

Leia o poema e retire do mesmo: 05 palavras paroxítonas e 03 palavras oxítonas:

“A vida não me chegava pelos jornais, nem pelos livros. Vinha da boca do povo. Língua certa do povo. Porque ele é que fala gostoso o Português do Brasil. Ao passo que nós. O que fazemos. É macaquear. A sintaxe lusíada. A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem. Terras que não sabia onde ficavam” (BANDEIRA, 1982, p.15).

### Atividade 4

Pesquise em um dicionário 10 palavras grafadas com X e 10 palavras grafadas com ch e explique o motivo, amparado nas regras que conheceu hoje.

## Atividade 5

No texto a seguir, algumas letras foram substituídas por \*. Atentando para a correta grafia das palavras, reescreva-as, substituindo os \* pelas letras que foram omitidas:

“**O aca\*o não e\*iste...** - Tudo na nature\*a obedece a uma lei de cau\*a e efeito e, por isso, a vida é um fenômeno e\*ato, matemático, ine\*orável... A felicidade também não é uma coisa que passa a certas \*oras, mas é um estado de alma que chega na \*ora certa. A felicidade, alia\*, não é um pr\*vilégio dos ricos e dos abastados, mas está ao alcance de qualquer pessoa (...)” (TORELLY, 2003, P. 91).

## Atividade 6

Escreva uma frase com cada palavra abaixo, seguindo os exemplos fornecidos:

Cessão:

Sessão:

Seção:

Há:

A:

Mais:

Mas:

Mau:

Mal:

Aonde:

## Atividade 7

Una os elementos, usando hífen se necessário:

Super+homem .....

Supra+renal.....

Contra+regra.....

Anti+ social.....

Ultra+sonografia.....

Guarda+chuva.....

Gira+sol.....

Contra+senso.....

Anti+alérgico.....

## Atividade 8

Assinale a alternativa errada quanto ao emprego do hífen:

- a) Paulo é o ex diretor daquela escola.
- b) Ana estava semi-hospitalizada.



- c) Aquela senhora foi super-realista.
- d) Todos fizeram um esforço sobre-humano.
- e) Várias instituições estão com projetos inter-raciais

#### Atividade 9

Assinale a alternativa que associa a palavra à regra que justifica sua acentuação gráfica:

- A- veterinária: paroxítona terminada em “a”
- B- século: paroxítona terminada em “o”
- C- Fenômeno: proparoxítona
- D- Ruído: ditongo “ui”
- E- Têm: forma da terceira pessoa do singular de um verbo

#### Atividade 10

Nas frases que seguem, acrescente o sinal gráfico da crase, quando houver:

1. Dirijo-me a Vossa Senhoria a fim de comunicar-lhe o programa a respeito de minha excursão a Europa.
2. Mostrou-se submisso as decisões da comissão.
3. Quem falta a sua palavra, não merece a estima dos amigos.
4. Esta advertência não se destina aqueles alunos assíduos as aulas.
5. A crise de dinheiro leva-nos a circunstâncias angustiantes.
6. Estava a procura do carro, a olhar para todos os lados.
7. Graças a ela houve obediência as regras do jogo.
8. Desejamos a todos que sejam felizes na sua viagem a Manaus.
9. A rua que te falo não é tão calma quanto a que moras.
10. Quanto aquele caso, não aceitamos as suas desculpas.

### UNIDADE 3

Exemplifique, com uma frase, cada nível de linguagem descrito:

- a- Língua culta:
- b- Língua coloquial:
- c - Língua vulgar:
- d- Língua regional:
- e - Língua grupal de gíria:
- f - Língua grupal técnica:
- g - Língua literária:
- h - Língua padrão: